

**UFRRJ**

**INSTITUTO DE AGRONOMIA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
AGRÍCOLA**

**DISSERTAÇÃO**

**TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL  
EM SÃO PEDRO FRIO-ES: AVALIAÇÃO DE  
POTENCIALIDADES**

**BRUNO KAPITSYKI BARBIERI**

**2020**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE AGRONOMIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL EM SÃO  
PEDRO FRIO-ES: AVALIAÇÃO DE POTENCIALIDADES**

**BRUNO KAPITSYKI BARBIERI**

*Sob Orientação da Professora*  
**Dra. Rosa Cristina Monteiro**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no curso de pós-graduação em Educação Agrícola, área de concentração em Turismo Rural.

**Seropédica, RJ  
Agosto de 2020**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B236t BARBIERI, BRUNO KAPITSYKI , 1980-  
TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL EM  
SÃO PEDRO FRIO-ES: AVALIAÇÃO DE POTENCIALIDADES /  
BRUNO KAPITSYKI BARBIERI. - Seropédica, 2020.  
71 f.: il.

Orientadora: Rosa Cristina Monteiro.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação  
Agrícola, 2020.

1. Turismo rural. 2. identidade territorial. 3.  
solidariedade orgânica. 4. cartografia. I. Monteiro,  
Rosa Cristina , 1955-, orient. II Universidade  
Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós  
Graduação em Educação Agrícola III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE AGRONOMIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**BRUNO KAPITSYKI BARBIERI**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: 11/08/2020.

---

Rosa Cristina Monteiro, Dra. UFRRJ

---

Sergio Domingos de Oliveira, Dr. UFRRJ

---

Larissa Haddad Souza Vieira, Dra. IFES

## RESUMO

BARBIERI, B. K. **Turismo Rural e Desenvolvimento Territorial em São Pedro Frio-ES: Avaliação de Potencialidades**. 2020. 71f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2020.

O município de Colatina-ES é conhecido pelas suas altíssimas temperaturas durante todo o ano, mas ele também precisa ser reconhecido pelo seu cantinho de clima das montanhas. A comunidade de São Pedro Frio apresenta uma paisagem bucólica, de tradições antigas e temperadas a um clima com 7°C abaixo da média colatinense. O lugar, além de muito promissor, ainda apresenta dificuldades para se desenvolver como identidade e enriquecer a sua cultura revelando sua diversidade aos turistas e visitantes. Apesar de belas paisagens, do clima temperado e de um povo acolhedor, as tentativas de desenvolvimento do território não vêm surtindo o efeito esperado devido à falta de planejamento em conjunto: entidades, poder público e privado e atores da região. Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as potencialidades da região de São Pedro Frio, através do desenvolvimento territorial tendo o turismo rural como principal eixo estruturante. Estudar o território com técnicas de mapeamento específicas juntamente com os próprios atores sociais, verificando condições para estabelecer uma solidariedade orgânica junto as instâncias associativas do local e aplicar intervenções culturais capazes de recuperar a tradição e potencialidade da região, podem propiciar o desenvolvimento da montanha a níveis estanciais e proporcionar aos visitantes diferentes experiências relacionadas à cultura local, ao turismo rural e ao agroturismo.

**Palavras chaves:** Turismo rural; identidade territorial; solidariedade orgânica; cartografia.

## ABSTRACT

BARBIERI, B. K. **Rural Tourism and Territorial Development in São Pedro Frio-ES: Assessment of Potentialities.** 2020. 71p. Dissertation (Master Science in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Rural Federal University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2020.

The municipality of Colatina-ES is known for its very high temperatures all year round, but it also needs to be recognized for its mountain climate. The community of São Pedro Frio presents a bucolic landscape, with ancient and temperate traditions and a climate with 7°C below the average of the state. The place, besides being very promising, still presents difficulties to develop itself as an identity and enrich its culture, revealing its diversity to tourists and visitors. Despite beautiful landscapes, a temperate climate and a welcoming people, attempts to develop the territory have not had the expected effect due to the lack of joint planning: entities, public and private authorities and actors in the region. This research has the general objective of analyzing the potential of the São Pedro Frio region, through territorial development with rural tourism as the main structuring axis. Studying the territory with specific mapping techniques together with the social actors themselves, verifying conditions to establish an organic solidarity with the associative instances of the place and applying cultural interventions capable of recovering the tradition and potential of the region, can promote the development of the mountain at levels and provide visitors with different experiences related to local culture, rural tourism and agrotourism.

**Key words:** Rural tourism; territorial identity; organic solidarity; cartography.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Participação dos grupos na região de São Pedro Frio-ES .....	50
---	----

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Efeitos do Turismo Rural .....	6
<b>Tabela 2</b> – Calendário de Eventos anual.....	53
<b>Tabela 3</b> – Pontos essenciais para manutenção do Turismo Rural.....	55

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Esquema de formação da identidade territorial.....	9
<b>Figura 2:</b> Amarra marido.....	12
<b>Figura 3:</b> Caldo de Fruta pão.....	12
<b>Figura 4:</b> Tropa de Burros “puxando” café para Colatina.....	14
<b>Figura 5:</b> Distanciamento e Rotas do Centro de Colatina à São Pedro Frio.....	18
<b>Figura 6:</b> Zonas climáticas de Colatina. Programa de assistência técnica e extensão ruralproater (2013).....	18
<b>Figura 7:</b> Lago do Mirante e subida para a Serra da Cangalha (São Pedro Frio-ES).....	19
<b>Figura 8:</b> Quedas d’água ao longo da estrada.....	20
<b>Figura 9:</b> Festival de Concertina e Viola, 2012 e Cartaz do Festival em 2014.....	21
<b>Figura 10:</b> Cartazes das festas de 2017 e 2019.....	22
<b>Figura 11:</b> Produção dos sítios locais.....	23
<b>Figura 12:</b> Plantação de tomate.....	23
<b>Figura 13:</b> Plantação de Repolho.....	23
<b>Figura 14:</b> Árvores barrigudas(Cavanillesia arbórea).....	24
<b>Figura 15:</b> Mapa Cartográfico da Região.....	26
<b>Figura 16:</b> Ifes – Campus Itapina.....	28
<b>Figura 17:</b> Reunião no Incaper com produtores e representantes do poder público.....	28
<b>Figura 18:</b> Casa abandonada à beira da estrada.....	30
<b>Figura 19:</b> Córrego do Lajedo.....	31
<b>Figura 20:</b> Sítio Soares (Café da manhã).....	32
<b>Figura 21:</b> Sítio Soares (Café da manhã).....	32
<b>Figura 22:</b> Cachoeira do Rossi.....	33
<b>Figura 23:</b> Cachoeira do Rossi (visão da estrada).....	34
<b>Figura 24:</b> Bica dos Amigos.....	35
<b>Figura 25:</b> Bar Bica dos Amigos (Visitação).....	36
<b>Figura 26:</b> Local para banho de cachoeira.....	37
<b>Figura 27:</b> Entrada da Propriedade.....	38
<b>Figura 28:</b> Sítio do Walter e da Fernanda.....	38
<b>Figura 29:</b> Instalações do Sítio Monfardini (São Pedro Frio-ES).....	39
<b>Figura 30:</b> Grupo de mulheres da Associação para produção de produtos agroindustriais. ...	40
<b>Figura 31:</b> Comercialização de produtos da Associação à beira da estrada em passeio turístico.....	41
<b>Figura 32:</b> Flores naturais cultivadas em caules (Atividades do Grupo Mulheres Floristas). 41	41
<b>Figura 33:</b> Estreito da Cangalha entre os penhascos.....	42
<b>Figura 34:</b> Nascer do Sol no Mirante de São Pedro Frio.....	43
<b>Figura 35:</b> Vista da Cachoeira do Mirante (São Pedro Frio-ES).....	43
<b>Figura 36:</b> Rapel na Cachoeira do Mirante.....	44
<b>Figura 37:</b> Bar Via Country.....	45
<b>Figura 38:</b> Sítio Macedo (São Pedro Frio-ES).....	46
<b>Figura 39:</b> Inter-relações entre os diversos setores e o Desenvolvimento Territorial.....	48
<b>Figura 40:</b> Panfleto Primeiro Passeio Turístico de São Pedro Frio.....	50
<b>Figura 41:</b> Mapa de atividades seguindo a rota de acesso.....	52
<b>Figura 42:</b> Calendário de Eventos Cartografado por Período Climático.....	54
<b>Figura 43:</b> Cardápio do Encontro Prosa e Sabores.....	58
<b>Figura 44:</b> Grupo Prosa e Sabores de São Pedro Frio.....	58

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>1    CAPITULO 1 ANALISE DA HISTÓRIA DO TURISMO RURAL E SUAS IDENTIDADES .....</b>	<b>2</b>
<b>2    CAPITULO 2 AS MUDANÇAS NA ATIVIDADE RURAL E OS NOVOS MODELOS DE PROPRIEDADE E IDENTIDADE TERRITORIAL .....</b>	<b>5</b>
2.1    Um Novo Modelo de Propriedade Rural.....	7
2.2    A Identidade Territorial.....	8
<b>3    CAPITULO 3 O CONTEXTO DA PESQUISA - O DESENVOLVIMENTO DA HISTÓRIA .....</b>	<b>11</b>
<b>4    CAPITULO 4 METODOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DO TERRITORIO .....</b>	<b>16</b>
4.1    O Primeiro Eixo: Referências de Análises Iniciais do Território e do Turismo em Questão .....	17
4.2    O Segundo Eixo: A Demarcação Crítica e Participativa do Território: Potencialidades para a Expansão.....	24
4.3    O Terceiro Eixo: Ações Concretas para o Reforço da Identidade.....	47
4.3.1    Os resultados cartográficos e o calendário turístico.....	48
4.3.2    Cronograma de trabalho na reconstrução local e dos grupos locais.....	54
4.3.3    Criação das lideranças para dialogo entre os setores.....	56
4.3.4    Criação dos grupos de desenvolvimento territorial .....	56
4.3.5    O grupo prosa e sabores da gastronomia.....	57
4.3.6    O grupo mulheres floristas - paisagismo .....	58
4.3.7    Grupo no clima da cultura .....	59
4.4    Implantação de um Ponto de Apoio para Expansão de Pesquisa, Extensão e Desenvolvimento do Território .....	61
<b>5    CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>63</b>
<b>6    REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>65</b>

## INTRODUÇÃO

O Instituto Federal do Espírito Santo tem como uma de suas missões participar da promoção do desenvolvimento humano e social das regiões onde suas escolas estão inseridas, conforme prevê a Lei nº 11.892 de 28 de dezembro de 2008 que cria a Rede Federal de Educação Profissional Científica, Técnica e Tecnológica. Sendo assim, o presente projeto de pesquisa-intervenção se propõe no marco desta legislação, como atividade do campus Itapina, no município de Colatina, e sua área de abrangência.

O município de Colatina está situado no estado do Espírito Santo e sua população estimada em 2019, segundo o IBGE, era de 122.499 habitantes, figurando como o oitavo município mais populoso do estado. É uma das principais cidades do interior capixaba e sua influência abrange também municípios do leste mineiro. A 40 km do centro do município, e a 900 m de altitude, situa-se a localidade de São Pedro Frio, que se destaca pela paisagem natural que destoa das características climáticas da cidade e que constitui o foco do nosso trabalho, na medida em que começa a se desenvolver ali a possibilidade de territorializar experiências de turismo rural que promovam o desenvolvimento local e aumentem a qualidade de vida da população.

A proposta do turismo rural como fator de promoção do desenvolvimento territorial vem sendo apresentada e discutida em uma ampla literatura, que repertoria experiências no Brasil e no exterior. Com base na literatura, e em observações assistemáticas realizadas no local onde a pesquisa será desenvolvida, o fato é colocara seguinte questão: **a proposta de incrementar turismo rural e agroturismo é uma boa alternativa para a promoção do desenvolvimento territorial de São Pedro Frio?** Em caso afirmativo, quais são as condições para que a implementação do turismo ocorra satisfatoriamente, levando em consideração as necessidades, desejos e interesses da população local? Em caso negativo, que outras possibilidades de atividades se apresentam para a promoção do desenvolvimento territorial da região?

Os estudos já realizados na literatura corrente nos permitem antecipar a necessidade de investigar os traços constitutivos de uma possível identidade territorial do lugar, como parte do percurso metodológico para responder essa questão principal. Planejaram estudo de caso, em profundidade, teoricamente sustentado nas teses do turismo rural e desenvolvimento territorial e empiricamente constituído por dados cartográficos, iconográficos e narrativos construídos em procedimentos de pesquisa participativa implicada.

Assim, objetivou-se analisar as potencialidades de São Pedro Frio-ES para a implantação do turismo rural como estratégia de desenvolvimento territorial. Das formas seguintes, divididas especificamente em definir conceitual e operacionalmente a noção de turismo no meio rural e sua relação com o desenvolvimento territorial.

Identificar o uso de recursos naturais e os protagonismos sociais na região de São Pedro Frio através de visitas e conhecimentos das histórias locais e a utilização de todo esse recurso nos dias atuais possibilitando configurar os elementos para a definição de uma possível identidade territorial expressada em materiais cartográficos e iconográficos pertinentes ao perfil do território e as práticas do turismo rural.

# 1 CAPÍTULO 1

## ANÁLISE DA HISTÓRIA DO TURISMO RURAL E SUAS IDENTIDADES

Este capítulo aborda as criações e o caminho recente de circuitos de turismo rural e desenvolvimento territorial, embasados na sua divulgação e agregação de valor aos locais rurais que recebem os visitantes, assim como as transformações ocorridas no contexto social e econômico para que se tornassem uma realidade bem sucedida nos dias atuais.

A construção do pensamento do que atualmente está sendo denominado de desenvolvimento territorial está ligada a vários fenômenos socioeconômicos e políticos. Segundo Froehlich(2007), a análise da construção desse pensamento deve ser dividida em duas partes: a primeira, mais relacionada à economia, que se orienta pelos sistemas produtivos com importância do fator territorial; e a segunda que abrange acontecimentos sociopolíticos contemporâneos que contribuíram para fortalecer a ideia dos atores locais de assumirem o desenvolvimento de sua região.

Para entendermos um pouco mais como surgiu a ideia de utilizar-se de sua própria propriedade e das atividades ali existentes para cativar os que não têm esse ambiente no seu dia a dia, se basear em algumas origens do turismo rural em diversos contextos mundiais. Nos Estados Unidos e também em países como a Nova Zelândia, a atividade surgiu a partir de hospedarias informais, quando os moradores dos chamados ranchos cediam alimentação e suas residências para abrigar os viajantes que passavam pelo local. Essa modalidade de turismo ficou conhecida como “farm houses” (casas de fazenda), que passaram de gratuitas, para um serviço mais elaborado e prestativo, ao longo do tempo, tendo como método se tornar parte do lucro da propriedade rural (ROQUE; VIVIAN, 1999).

Em países da Europa, como Itália, Espanha e Portugal, é um hábito comum receber turistas em suas propriedades rurais. Exemplos mais conhecidos são os paradores de Santiago de Compostela, na Espanha, e o turismo de habitação, ou agroturismo, muito comum em Portugal, onde os moradores abrem suas casas no campo, nos moldes rústicos e de valor cultural elevado, para receber os visitantes, que acabam participando da convivência diária como se fossem integrantes da família (EMBRATUR, 1994).

Na Itália, na década de 1970, atividade de turismo rural marcava a exploração da produção de queijos e vinhos, com degustações e a participação no processo produtivo local, respaldada pela Associação Nacional de Agricultura – Roma, que buscava sensibilizar a opinião pública para a proteção da natureza e das áreas rurais. (CERETTA & SANTOS, 2013).

Outro exemplo forte é a região da Toscana ao centro da Itália, que oferece passeios, experimentações de seus produtos agrícolas e processados, além de uma infinidade de atividades como produção de pães, vinhos, doces e o dia a dia na região (SGARBI, 2007).

Na década de 1960, os fluxos no espaço rural na Espanha eram limitados ao entorno dos centros urbanos. A industrialização deslocava a mão-de-obra agrícola para as cidades em busca de melhores condições de vida, chegando o turismo rural somente a partir da década de 1980, no chamado Turismo de retorno, que objetivava a valorização das zonas rurais deprimidas e a busca de alternativas a massificação e saturação do turismo litorâneo. Na França dos anos de 1980, em meio à busca da sustentabilidade também na agricultura iniciou a implantação de pequenos hotéis e restaurantes para revitalizar a área rural. (CERETTA & SANTOS, 2013).

Não se pode desprezar também Portugal e a nossa relação entre colonizados e colonizadores no sentido de como se desenvolveu o turismo rural em terras portuguesas. Por

lá, o Turismo no espaço rural iniciou com os registros em 1978, no chamado turismo de habitação em solares<sup>1</sup> e aldeias vistos como uma alternativa de desenvolvimento de áreas rurais no interior e para combater o êxodo rural da época.

A nova concepção de desenvolvimento na Europa, desta vez, voltado às práticas do espaço rural tinha, entre outras finalidades, a concepção de buscar uma alternativa para o turismo massivo do litoral europeu; de proteção da natureza; de estimular e recuperar a autenticidade rural; de mostrar o turismo como atividade complementar; de cooperação de base local e oportunidade de associativismo, apoio financeiro estatal. De certa forma, isso também justificava o desconhecimento da efetiva contribuição do turismo no espaço rural no Brasil nos anos 80. (CERETTA & SANTOS, 2013).

Em se tratando de Brasil, nesta mesma década, o desenvolvimento começou com atividades voltadas à valorização do campo, tradições e dos recursos naturais e patrimônio histórico. O primeiro empreendimento de turismo rural que se tem notícia no Brasil foi constituído no município de Lages-SC, conhecida como a Capital Nacional do Turismo Rural, abrigando a sede da Associação Brasileira de Turismo Rural (ABRATURR). Depois no Estado de São Paulo, a região de Mococa tem um pioneirismo com a oferta de cavalgadas, hospedagem, gastronomia típica coligando as propriedades rurais do município (ROQUE, 2004).

As iniciativas sobre o turismo rural oficialmente registradas no Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR (1998) e o Ministério da Agricultura iniciaram em 1998, e por meio de inserção da educação. Não foi nenhum passeio ou nenhum monumento paisagístico que trouxe a ideia de turismo rural mas sim a realização da primeira oficina de Planejamento denominada Subsídios ao Plano Nacional de Turismo Rural. Na época, turismo rural foi apresentado como “o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade” (EMBRATUR, 1998, p.15).

Além do turismo rural, diversos outros conceitos foram surgindo, basicamente voltados para formas de lazer, esporte e atividades de diversão que ocorrem alheias ao meio em que estavam inseridas. Assim, o turismo no espaço rural é identificado como sendo as atividades praticadas no meio não urbano com várias modalidades definidas conforme a oferta, seja o turismo rural, agroturismo, turismo ecológico, ecoturismo, turismo de aventura, desporto, arborismo, turismo cultural, esportivo, entre outras. (Graziano da Silva et al, 2000).

O Espírito Santo acompanhou esse início de atividades relacionadas à valorização do campo, muito mais pela necessidade, como já dito anteriormente, em especial na região serrana, mais precisamente no município de Venda Nova do Imigrante, onde em sua maioria as famílias são descendentes de imigrantes italianos que começaram a deixar o campo e ocupar a cidade sem grandes perspectivas de crescimento no meio rural. Em alternativa a esse êxodo rural, entidades como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE/ES) e o Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (INCAPER), apoiados pelas prefeituras e a pequena rede de hotéis da região, juntamente com pequenos grupos de agricultores começaram um projeto agroturístico que envolveu a criação de uma Associação de Agroturismo de Venda Nova (AGROTUR) e que se espelhou em parte no “Agriturismo Italiano<sup>2</sup>” onde as propriedades abriam suas portas para o recebimento e participação dos turistas no seu dia a dia. (PORTUGUEZ, 1998).

---

<sup>1</sup> Solares de Portugal divide-se em três categorias: Casas Antigas, Quintas e Herdades e Casas Rústicas, consoante a sua imponência, quer na dimensão, espaços envolventes e jardins, quer na decoração e peso histórico. (TURIHAB – Associação do Turismo de Habitação é uma Associação sem fins lucrativos, de âmbito nacional, fundada em 1983).

<sup>2</sup> Agriturismo Italiano é referência ao modelo de Turismo Rural brasileiro.

O foco e desenvolvimento maior, além é claro da estruturação das propriedades para receber os visitantes, se deu pela comunicação. Nessa época não existiam computadores, nem tampouco internet disponíveis para que a propaganda, a imagem e a culturalidade do local fossem disseminadas para o fator desenvolvimento e expansão do agroturismo. Mas isso não impediu que ele acontecesse. Muitas coisas, desde hospedagem, passeios turísticos, até comprar e presenciar a produção de comidas típicas, interessaram muita gente e dessa gente que não está tão longe assim é que veio o que chamamos de divulgação de imagem natural, que é onde a pessoa vivencia o momento e repassa em relatos e objetos que guardou do local e da atividade onde estava para mostrar aos demais.

Segundo Leandro Carnielli (2014), representante de um caso de sucesso do agroturismo capixaba, a Fazenda Carnielli:

O primeiro turista é o vizinho, algo que nós nunca imaginamos. Quando você abre a fazenda para visitas, a vaca que faz dez litros de leite, mas que ele nunca viu, vira atração. Depois ele traz o amigo dele, que traz outro amigo... Foi assim que a propriedade passou de um turista para mil por semana. CARNIELLI (2014).

Segundo Callou (2006) após as crises ocorridas na década de 1990 com a substituição dos modelos de regulação social e econômico fundamentado nas ações do estado para outras formas de organização (governamental, para-governamental e não-governamental) surge uma noção de desenvolvimento local para “consertar” erros básicos em seus territórios como os problemas de exclusão social gerados pela globalização. No mesmo sentido, Silva (2010) aponta a Extensão Rural como importante ator no estabelecimento de diretrizes para promover desenvolvimento local em um meio que necessita de uma repaginação, o meio rural, sendo pressionado pelo surgimento de novas atividades produtivas e hábitos sociais e culturais entre as populações rurais.

## 2 CAPÍTULO 2

### AS MUDANÇAS NA ATIVIDADE RURAL E OS NOVOS MODELOS DE PROPRIEDADE E IDENTIDADE TERRITORIAL

O morador do campo não atua mais como simples produtor rural e passou a desenvolver atividades culturais e turísticas baseando-se sempre em um comércio específico do que se pode produzir com suas próprias características (FERNANDES, 2016).

A agricultura tradicional voltada para produção de produtos primários para comercialização, a qual por anos sustentou as fazendas e pequenas propriedades, começou a exigir mais arduamente o trabalho duro e pesado com a produção mais elevada para competir com grandes produtores que iam aparecendo nas regiões próximas, forçando assim, principalmente o pequeno produtor rural, a buscar novas alternativas para manter sua qualidade de vida construindo uma nova forma de atuar na agricultura, combinando a terra, o trabalho e a família ou escolher ser mais um número no êxodo rural. (SCARABELOT; SCHNEIDER, 2012).

Buscar novos métodos de produtividade resultou em certa revitalização de tradições e costumes existentes no mundo rural. Essa originalidade social, cultural e ambiental passou a responder positivamente às expectativas de frequentadores de uma região, tornando-se uma atividade rentável e promissora, mas que precisa estar sempre articulada a um processo de visibilidade e atrelada à cultura local para organizadamente ser produtiva e expansiva é o que chamamos de turismo rural. (GELBCKE, 2006).

Mas a primeiro modo é preciso entender um pouco mais do que trata essa palavra para não a confundir com os outros 15 tipos de representações do turismo rural, tendo sua tipologia retratada por Beni (2001). Serão tratados aqui das cinco com maiores intensidades e que se destacam e se confundem pela proximidade de atividades. São elas: Turismo de aventura, Ecoturismo, Turismo Ecológico, Turismo Rural e agroturismo. As três primeiras se destacam por deslocamentos em locais rurais como visitas em parques, observações de flora e fauna e afins. Beni (2001) definiu as duas últimas, turismo rural e agroturismo como praticamente semelhantes e de mesmas características, diferenciando-se apenas na forma do comportamento do turista ou visitante. Enquanto no Turismo rural o hóspede apenas visita e usufrui do ambiente agrícola, no agroturismo ele é motivado e convidado a participar diretamente no dia a dia e nas atividades rurais ali desenvolvidas, mantendo-se as mesmas características do trabalho e a vida no campo.

Estas são algumas das diferentes formas de lazer e turismo que estão inseridas no ambiente rural (Sharpley, 2004), dissertando alguma dificuldade em compreender as diferenças entre elas e, conseqüentemente, mensurar sua dimensão. Assim este estudo priorizará os termos Turismo Rural e Agroturismo, principalmente porque não se trata apenas de se estar fisicamente no espaço rural, mas de fato fazer parte dele e, portanto, estar comprometido com o seu desenvolvimento.

Se inserir nesse universo como estratégia de complementação de renda é o que abordaremos neste trabalho, juntamente as vantagens que não exclusivamente são econômicas e que podem ser observadas no Tabela 1.

**Tabela 1 - Efeitos do Turismo Rural**

<b>Efeitos</b>	<b>Exemplos</b>
	Efeito multiplicador dos gastos dos turistas, circulação de recursos e incentiva novos empreendimentos
	Gera muitas expectativas
	Gera oportunidades de trabalho
	Apoia-se na mão-de-obra familiar sem necessidade de saída dos jovens
<b>Favoráveis</b>	Cria mercado de consumo local
	Gera benefícios complementares como infraestrutura, lazer e associativismo
	Estimula a participação das mulheres
	Opera mudança no nível de vida das famílias
	Comunidade percebe seu patrimônio a partir do olhar do turista
	Promove a satisfação em viver na “roça”
	Diminui a migração
	Volume pouco significativo de recursos/empregos gerados se considerar valores totais
<b>Desfavoráveis</b>	Mais importante em locais com pouco dinamismo econômico
	Inevitável se tornar principal ou única atividade econômica
	Diminuição das relações sociais com a comunidade, em função dos tempos do turismo.

Nota. Fonte: Adaptado de Elesbão (2014) e Solha (2016)

Embora se verifique a presença e uma tendência de expansão, vários autores alertam para os fatores que restringem o processo, entre eles as condições precárias do meio rural brasileiro, especialmente nas áreas de predomínio da agricultura familiar (Elesbão, 2014; Veiga, 2001). Outros, como Vilela (2013), apontam o cuidado que os proprietários devem ter no sentido de não atenderem a certas demandas dos seus clientes:

[...] em diversas ocasiões, os proprietários, ou gerentes, depararão, se é que já não depararam, com clientes querendo reproduzir o seu ambiente urbano no meio rural. Resistam. Mostrem a eles que ali há muitos ganhos em se distanciar da rotina mecânica dos hábitos urbanos. Se conseguirem é muito provável que resgatem mais um ser humano ao mundo da sensibilidade. E lembrem-se de que a música pode ter um papel importante nesse processo. (p. 218)

Nesse contexto, o agricultor ou o proprietário precisa estar preparado para as fragilidades do negócio e também para a sua prosperidade. É de fato um campo que mesmo que não seja a principal atividade gere aplicações de recursos financeiros ou mesmo aponte para se tornar a principal atividade. Como todo e qualquer negócio pode dar certo, mas também pode dar errado.

Afinal, segundo Solha (2016), o turismo rural é entendido como atividade complementar nas propriedades rurais, portanto, não necessitaria de investimentos ou mesmo de qualificação profissional. Talvez tal assertiva fosse verdadeira para os primeiros

empreendimentos de turismo rural, mas seguramente não corresponde mais à atual realidade, como se discute a seguir.

## 2.1 Um Novo Modelo de Propriedade Rural

Essa questão já vem sendo abordada por Niederle (2009) - a propriedade rural deixa de ser apenas um lugar onde ocorre a produção agrícola, para se tornar um espaço que é valorizado pelas características da paisagem, ambiente natural, gastronomia e cultura, bens intangíveis e antes ignorados pela exploração meramente mercantil. Esse conjunto de atividades foi denominado por Schneider (2006) de empreendedorismo rural, fenômeno que possibilita a valorização e estímulo às novas formas (não-agrícolas) de ocupação, emprego e geração de renda.

O “saber fazer” de cada indivíduo possibilita a produção e transformação de alimentos que resultam em produtos artesanais diferenciados que, quando comercializados por meio de redes alternativas, possibilitam a criação de mercados de proximidade (CRUZ, 2002; SCHNEIDER, 2010; SCARABELLOT, 2012).

A construção e reprodução de circuitos curtos e descentralizados de comercialização e atividades culturais promovem justamente a proximidade entre produtor e consumidor, me referindo aqui tanto na área de comércio como na área cultural, fazendo a ligação direta entre produtores e consumidores (PLOEG, 2009).

Dessa forma, em se tratando do Agroturismo, observam-se os apontamentos de Guzatti (2003, p.17) [...] o agroturismo é apontado como uma ferramenta importante na construção de um desenvolvimento sustentável do espaço rural. Isso porque seu principal produto é o agricultor, seu modo de vida, sua cultura e tradições, seu trabalho e o meio ambiente onde vive, justificando-se o interesse da atividade turística em manter e valorizar estes “bens”. Assim, são indicadas inúmeras possibilidades para os agricultores familiares nesta atividade: a produção de alimentos saudáveis, o processamento destes alimentos em pequenas indústrias, a preservação da natureza e da cultura, a prestação de serviço, o lazer, dentre tantas outras atividades que se multiplicam no espaço rural e consagram-se como novas oportunidades de geração de renda e de trabalho.

O IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011), no último censo agropecuário assume a necessidade de um olhar para o campo que considere as mudanças em processo e afirma o seguinte:

O rural transcende o agropecuário, não produz somente alimentos, produz trocas que ocorrem no âmbito do fornecimento de alimentos, de seu armazenamento e distribuição na pesquisa, no financiamento etc. Nessa análise a pluriatividade constitui uma realidade cada vez mais presente no campo, aí se destacando novas atividades relacionadas com lazer, com turismo ecológico e rural e com as outras modalidades de uso não agrícola do espaço rural, além de uma diversidade de novas atividades relacionadas com a jardinagem, haras, etc.[...]. (p. 243)

Silva e Grossi (2000) identificam o incremento dessa mudança do trabalho agrícola com o incremento de outras atividades de lazer nas áreas rurais:

Na última década milhares de pesque pagues proliferaram pelo interior. Nestes, a produção de peixes propriamente dita não é a maior fonte de renda, mas sim os serviços prestados nos pesqueiros, visando populações urbanas de rendas média e baixa. Também observa a expansão das construções rurais para a segunda moradia das famílias urbanas de rendas média e alta, em chácaras e sítios de lazer no interior do Brasil. (p. 166).

Deste modo, o campo caminha para a criação de uma nova identidade, ou o resgate de suas próprias histórias, que de certa forma vão formar e desenvolver a região. O resgate acima da nova identidade dará a matéria inicial para que por suas convicções e apoiados aos mecanismos desenvolvedores de turismo tenham o conhecimento exato de que tipo de perfil serão daqui pra frente.

## 2.2 A Identidade Territorial

Este aporte conceitual diz respeito ao que definimos como identidade territorial. Em uma discussão acerca deste tema e suas relações com o território buscamos analisar as bibliografias que configuram estes conceitos não só em aportes geográficos, mas também suas compressões nas construções socioespaciais.

Assim, com uma dinâmica espacial mundial transformada (com relação ao século XIX), Milton Santos (1996) vai elaborar sua percepção de território através de duas perspectivas: o território como o espaço de todos e o território compreendido pelas relações simbólicas que o constituem.

Mesmo com a sua existência previamente definida, territórios são construídos e reconstruídos nas mais diversas escalas, por diversos atores sociais.

Territórios são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p. ex. uma rua) à internacional (p. ex. área formada pelo conjunto de territórios dos países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN); territórios são construídos (e desconstruídos) em escalas temporais mais diferentes, séculos, décadas, anos, meses ou dias. (SOUZA, 1995, p.81)

Interessante saber que dentro deste conceito, a partir das relações particulares de cada indivíduo, a identidade desse território é criada e recriada por atores sociais na escala do cotidiano, como uma comunidade, uma associação ou um grupo de pessoas que se identifica e delimita seu espaço sendo estas materializadas ali as suas simbologias, ou poder simbólico da identidade, o que vem de acordo com o descrito por Haesbaert (2007):

O poder no seu sentido simbólico precisa ser devidamente considerado em nossas concepções de território [...] o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, de poder mais material das relações econômicas-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural. (HAESBAERT, 2007, p. 41).

Esta construção se baseia em territorialidades criadas, atribui-se um significado ao espaço e o delimita, mesmo que por algumas horas, alguns anos ou diversas décadas. Para Saquet (2009, p. 79), o território é fruto das territorialidades efetivadas pelos seres humanos, sendo fruto das simetrias e dessimetrias produzidas historicamente. Sendo assim é necessário compreender suas relações espaço temporais.

Nos dias de hoje, e advinda de inúmeras contradições presentes na modernidade, pós-modernidade e no processo de globalização, as identidades territoriais retornam ao foco das discussões teóricas e empíricas sobre o tema.

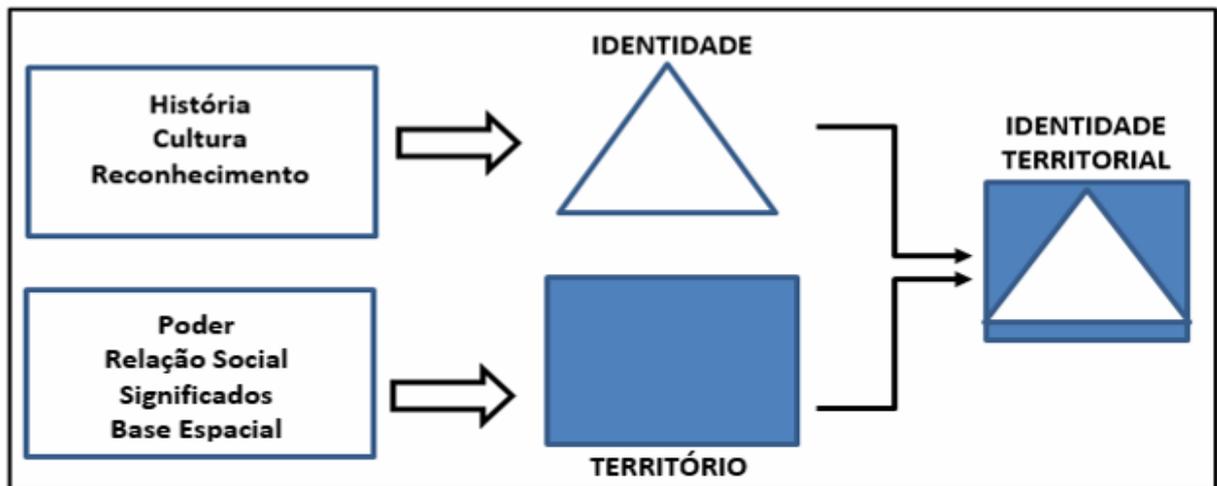
Um dos imperativos da modernidade contemporânea, indiscutivelmente, é a busca pela identidade. Isto é da representação e construção do eu como sujeito único e igual a si mesmo e o uso desta como referência de liberdade, felicidade e cidadania, tanto nas relações interpessoais como intergrupais e internacionais. É inegável a contribuição da referência identitária neste momento em que indivíduos,

coletividades e territorialidades estão redefinindo-se, reciprocamente, em ritmo acelerado. (SAWAIA, 1999, p. 119)

Como afirma Boaventura de Souza Santos (1997, p. 135), “identidades são, pois, processos de identificação em curso”. Estes processos se dão de forma ininterrupta ao longo do tempo, de modo que a sociedade está em constante renovação de seus valores, crenças, tradições, entre outros traços identitários.

É relevante destacar que a identidade não faz referência somente a pessoas ou objetos, pois nela se carrega signos do passado e do presente; representações que criam o processo de identificação. O processo de identificação perpassa pela noção de semelhança, igualdade, de um ser humano com outro, com um objeto ou um símbolo. Como afirma Haesbaert (1999, p.173), “na sua ‘inteireza’, encontrar um significado, um sentido geral e comum”.

Assim, pode-se dizer que a identidade de um grupo social se forma no território, tanto no âmbito simbólico quanto no concreto. Logo, esta identidade possui fixos e fluxos que irão percorrer toda sua estrutura. Roca (2005, p. 07) destaca que a identidade territorial “pode ser entendida como um conjunto de fixos e fluxos espaciais que irão caracterizar uma unidade territorial” (Figura 1).



**Figura 1:** Esquema de formação da identidade territorial.

Fonte: DUARTE, Tiaraju Salini. 2014.

Observa-se que a identidade é formada a partir do processo histórico cultural de um determinado grupo aliada à base físico-espacial, essencial para a formação desse culminando nas relações sociais materiais e imateriais. Essa junção é a formação do território, segundo Duarte (2016) baseado em Rocca (2005).

Em meio a amplas transformações do mundo contemporâneo estudadas pelas ciências sociais, sejam elas lentas como as lutas pelo fim das desigualdades sociais, ou sejam elas rápidas como a evolução das redes sociais (Bauman, 2005), a noção de uma identidade tem assumido um papel de pertencimento a um grupo que compartilha símbolos e significados. A identidade estabelece fronteiras simbólicas, pois se manifesta nas relações entre dois ou mais grupos (Froehlich, 2012).

Bauman (2005) faz uma crítica à concepção sobre identidade que se pauta pela “descoberta”, que não a concebe como algo inventado. A identidade do local se constrói, ela não existe por si só ou se apresenta de alguma forma definitiva. Para Castells (1999), toda construção de identidade implica em uma disputa de poder, pois o conceito de identidade na visão de uma construção ou criação pressupõe uma ideia de alteridade, e havendo pessoas envolvidas com diferentes “quereres” há possibilidade de um conflito ser instalado.

O território pode ser entendido como uma entidade de espaço geográfico, valorizada ou controlada por seus ocupantes, que o definem. Na geografia atual, ao contrário das abordagens que o remetem a um “palco”, o território em si é considerado um agente de mudança. (Rocca, 2004).

Na abordagem de Raffestin (1993), o território não se restringe a um enfoque materialista, sendo entendido pelas relações materiais do espaço e também por uma rede heterogênea de ações do indivíduo. O autor territorializa o espaço a partir de símbolos existentes em seu meio e modo de vida e o que pretende construir.

Algumas comunidades estão buscando aproveitar seus recursos naturais e culturais na tentativa de melhoria da sua qualidade de vida. Este processo de mobilização e aproveitamento de recursos passa pela construção social das identidades locais e regionais, bem como pela valorização do seu patrimônio cultural e natural através de projetos de desenvolvimento. (Froehlich, 2007).

Para tanto, definiremos como Rocca(2004) e Froehlich(2012), que uma identidade territorial é um conceito subjetivo, complexo e controverso, mas focado na singularidade das realidades tanto geográficas quanto humanas. Dependendo do contexto, do propósito e das análises a “identidade” pode assumir o sentido de cultura enquanto o “territorial” pode referir-se ao local, uma comunidade ou até mesmo uma região.

Esse despertar pode ser entendido como um desenvolvimento local de um processo que mobiliza pessoas e instituições buscando a transformação da economia e da sociedade locais, criando oportunidades de trabalho e de renda, superando dificuldades para favorecer a melhoria das condições de vida da população local (Jesus, 2003).

#### O CONTEXTO DA PESQUISA - O DESENVOLVIMENTO DA HISTÓRIA

São Pedro Frio é uma comunidade que se apresenta como um recanto de clima das montanhas em uma cidade quente e abafada, onde as temperaturas chegam a 35°C, 40°C facilmente durante maior parte do ano, segundo dados do Incaper (INCAPER, 2013). Essa altitude transforma a paisagem do local e o que vemos constantemente são nevoeiros e um clima mais frio com temperaturas em torno de 7°C abaixo da temperatura média da cidade (Fonte: Incaper, 2013).

A maioria dos imigrantes eram de cultura alemã e ocuparam as terras de São Pedro Frio para o trabalho com lavoura de café principalmente. Terras altas e de difícil acesso as dificuldades eram muitas pois a intenção era apenas o comércio do café “conilon”. Mas a cultura alemã foi deixando seus rastros tanto na gastronomia como nas festividades e no desenvolvimento local. Os relatos de antigos moradores, suas lembranças são formas significativas de termos uma melhor percepção da história local subdivida em partes. Conforme Silva (2000) que relata que a apropriação do espaço é determinada pelas relações que se estabelecem entre seus membros, pelo manejo de símbolos e seus códigos em comuns.

Entretanto, a materialização do espaço cultural desta região se dá também através de elementos como a gastronomia, os sentimentos dos moradores e principalmente, as lembranças e histórias contadas pelos mais velhos, tendo como exemplo uma formação sucessível da identidade territorial criada na Quarta Colônia de Imigração Italiana<sup>3</sup> no sul do Paísonde a parte gastronômica se simboliza como um importante código cultural. (Froehlich, 2007)

Mudando apenas de origem, da cultura italiana para a cultura alemã, as antigas terras de São Pedro Frio também contam com uma diversidade de produtos típicos originários de descendentes e imigrantes alemães e que deixaram sua identidade em alimentos ainda típicos da região como uma variedade de pães como o Brote, uma massa com formato de pão caseiro tendo como base o aipim, inhame, batata doce e o fubá vindo das terras pomeranas (SETUR-ES); a “mentira” que é um biscoito feito de uma massa de trigo e ovos, também conhecida como “cueca virada” ou “orelha de sogra” em outras regiões do país e que em São Pedro Frio leva o empírico nome de “amarra marido”(Figura 2) segundo moradores locais e facilmente encontrado em vendas e casas na região, além de muitos tipos de caldos e sopas (Figura 3) feitos com produtos típicos como a mandioca e a fruta pão.

---

<sup>3</sup> Um território construído a partir de uma mesma ocupação étnico-cultural e sócio econômica, hoje organizado por pequenos municípios do Rio Grande do Sul que desenvolveu sua identidade no turismo, paisagismo, gastronomia e festividades da cultura italiana desde 1877.(Nardi, 2007)



**Figura 2:** Amarra marido.



**Figura 3:** Caldo de Fruta pão

Os rastros na cultura também foram muito vivenciados com as festividades da localidade, sendo baseadas em rodas de sanfona, concertina e viola em qualquer evento, seja cristão ou pagão na região. Os instrumentos típicos das festas eram a base para a formação de rodas onde o povo dançava e cantava dia e noite afora. Carlinhos Cigano, morador e músico antigo da região, conta que as festividades só aconteciam se os músicos renomados da época fossem ao evento. As festas do padroeiro São Pedro para os católicos e a Festa Luterana que eram regidas por muita oração e devoção, terminavam em uma festa animada com muita música e leilões com sorteios de animais.

Luciene Bessigo, moradora há 57 anos do local, conta que: “Toda festa de padroeiro tinha a tradicional tocada com os senhores Manoel Julio e Ailton Laureth no acordeon, Guimar e Deosdete na viola e ainda com a participação de Guilherme Antonio Bessigo na sanfona de 8 baixos”. Nas festas juninas as comemorações seguiam a tradição e a crença da fé: “A principal tradição era passar descalço na fogueira à meia noite nas brasas onde os participantes se consideravam compadres e comadres pelo resto da vida. Detalhe: ninguém se queimava, era tudo movido pela fé”. Esse e outros relatos também são encontrados nas formações de identidade local quando se fala em cultura originária da região. Conforme salienta Saquet (2003), as marcantes festas religiosas também são heranças dos imigrantes que, através do convívio e fé, tinham sua vivência em comunidade decorrente, sobretudo, pela religiosidade.

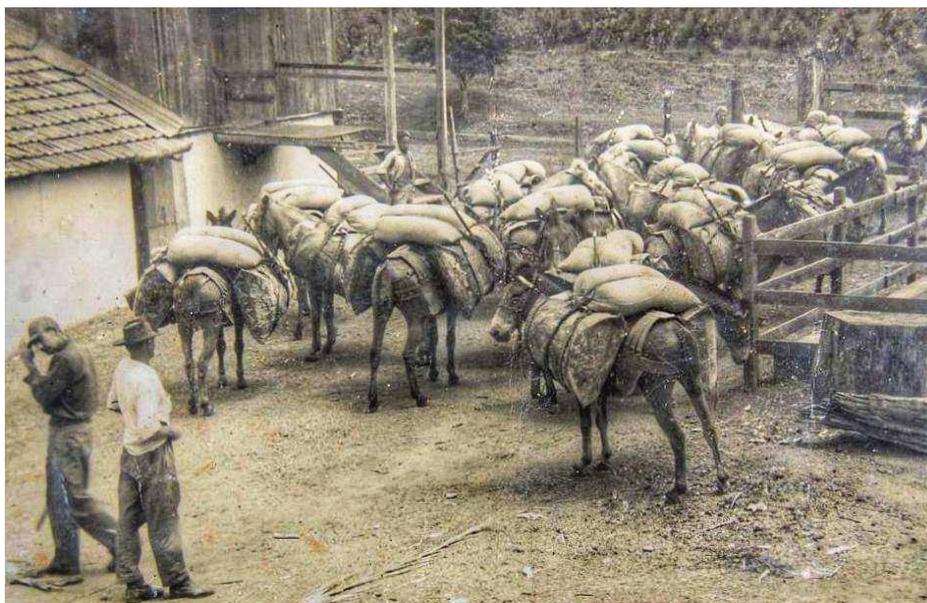
A paisagem pode ser descrita como um conjunto de elementos que exprimem significados, sentimentos e características sobre o lugar. O termo paisagem cultural o qual está mais apto aos estudos de identidade, foi instituído pela UNESCO com a Convenção de 1972, reconhecendo dessa forma, regiões e territórios, cuja inter-relação entre a cultura humana e o ambiente natural confere à paisagem uma identidade particular e própria. Segundo Manfio (2012) a paisagem é denominada como o resultado da interação de diversos elementos entre eles: o natural, humano, social, cultural ou econômico e das quais, passa constantemente por um processo de modificação

Nesse sentido, as paisagens de São Pedro Frio também foram se transformando à medida que as cachoeiras no meio das matas e os paredões de rochas iam aparecendo dando um visual marcante ao local. Essa “identidade” de um local com atrações atípicas à região em que se encontra devido ao clima, a abundância de águas e visual tipicamente montanhoso, começa o seu desenvolvimento à medida que novos agentes sejam eles visitantes, filhos de produtores ou associações de moradores dão maior visibilidade a esses aspectos como cultura local que começa a ser mais frequentada e se tornar atrativa. Não há nela nenhum tipo de descoberta do que vivenciamos hoje, apenas um desenvolvimento do que já se cultivava naquela região desde os primeiros ocupantes: clima, belas paisagens, gastronomia e festa cultural. Bauman(2005) faz uma crítica à concepção sobre identidade que se pauta pela “descoberta”, que não a concebe como algo inventado. A identidade do local se constrói, ela não existe por si só ou se apresenta de alguma forma definitiva.

O que víamos em São Pedro Frio de acordo com os moradores antigos da região, eram florestas subtropicais e nascentes formadoras de quedas d’água, cachoeiras e rios que cortam as propriedades com destino ao deságue no Rio São João Grande, afluente do Rio Doce. O local era tipicamente fechado de mata atlântica que aos poucos foi dando origem a pequenas plantações e desenvolvimento da agricultura baseando-se principalmente no café. Segundo relatos de moradores da região, a senhora Luciene Goldner Bessigo conta histórias que o pai ainda vivo lembra com lucidez e saudade: “O café que tínhamos lá falamos que era o

“Borbom<sup>4</sup>” era um café arábica, os pés eram imensos. Chegamos aqui em 1962 e já estavam plantados lá.”

Ela também relata sobre outros tipos de culturas agrícolas que serviam como escambo e sustento das famílias: “Plantava também roças brancas de milho, feijão, aipim, arroz e cana. Criava porcos, galinhas e patos”. Segundo COMERFORD (2000) A roça-branca era o plantio de milho, arroz, feijão para sustento próprio e a criação de porcos, galinhas e outros animais, apontando para uma diversificação/policultura tipicamente trabalhada pelo campesinato. Os cargueiros de burros era quem fazia todo o traslado e trabalho de transporte na região que não tinha veículos para tal, “Tudo aqui era feito no modelo dos tropeiros com cargueiros de burros, eu adorava ouvir os burros de guia tocar os sininhos, ficava encantada!” (Figura 4).



**Figura 4:** Tropa de Burros “puxando” café para Colatina  
Autor: Daniel Antunes Junior

Como registrado por Junior (2019), historiador e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais:

No passado, as Tropas de Burros foram o melhor e mais eficiente meio de transporte de carga para longas distâncias, enquanto o carro de bois era utilizado para o mesmo fim, em pequenos percursos. Assim, as tropas levavam os produtos da terra aos centros mais adiantados, e voltavam trazendo as mercadorias tecidos, perfumes, louças e outras necessidades. As tropas de burros tinham uma organização básica. (Daniel Antunes Junior, 2019)

Os acessos aos grandes centros só eram possíveis através de trilhas. Não existiam estradas que foram chegar pouco tempo depois no modelo “estrada de chão” que perpetuam até os dias atuais. Segundo a Prefeitura Municipal de Colatina, as estradas de acesso a São Pedro Frio São mantidas em bom estado conforme solicitação da Secretaria de Obras e Moradores da região.

Mas se tratando de paisagem, o ponto principal que alavancou as visitas turísticas na região é o Mirante, o ponto de onde se avistamquase todas as belezas não só de São Pedro,

---

<sup>4</sup>Segundo FAZUOLI (2003), é um café proveniente da Ilha de Reunião (antiga Bourbon) na África sendo introduzida pelo governo brasileiro em 1859. Foi selecionada e liberada pelo IAC a partir de 1939. Tem em sua formação 100% de Bourbon.

mas também da região de Colatina. Os Pontões Capixabas<sup>5</sup>, montanhas como a conhecida Pedra da Baleia e o Rio Doce que acaba se transformando em um grande fio de água ao fundo. É inevitável e a maioria dos trilheiros, ciclistas, grupo de jipeiros e apreciadores de rapel e turistas, terminam seus passeios por lá. Há uma construção ao lado onde se pode observar toda a paisagem da região. Essa construção está longe de ser um ponto para apreciação das belas paisagens como é feita atualmente, mas ainda se mantém estruturalmente desde a época de sua construção.

Em 1965 os senhores Agostinho Alves Bessigo e José Alves Bessigo começaram uma obra para funcionar ali um gerador de energia, utilizando-se da alta queda d'água ao lado do que conhecemos hoje por Mirante. “Amarrados em cordas naquela altura, meu tio e meu pai que construíram aquele muro, era pra fazer funcionar ali um gerador de energia, mas depois o dono do terreno desistiu e ficou inacabado como está hoje.” conta Luciene Bessigo.

Essa relação está permeada pela memória, tendo em vista que é a memória que possibilita a filiação com a temporalidade, que florescem e dão significados ao lugar e a vivência. Nos estudos sobre cultura, é nítida a associação da memória com os fatos sociais, sejam eles coletivos ou individuais, ou seja, “as relações sociais da memória e a memória das relações sociais”, e são de suma importância na constituição da identidade e do lugar (COSGROVE, 1999, p.23). A cultura é indispensável para o desenvolvimento individual e social. E falamos aqui de cultura incluindo todas as características locais e segundo Santos e Thomaz (2015) não há pessoas que não tenham reservados em si traços culturais de seus antepassados, assim como não há sociedades que não trazem enraizadas no seu espaço os elementos culturais do passado.

---

<sup>5</sup>Monumento Natural dos Pontões Capixaba, uma área de preservação ambiental nacional composta por vales, pontões e montanhas rodeadas por remanescentes da Mata Atlântica preservada e cachoeiras localizada no Município de Pancas-ES. (SETUR-ES, 2019).

## METODOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DO TERRITÓRIO

Planejar uma pesquisa participativa e implicada, segundo a definição de Grossi (1981) é fundamental para a melhor análise de dados. Trata-se de um processo de pesquisa no qual a comunidade participa na análise de sua própria realidade, com vistas a promover uma transformação social em benefício dos participantes, construída através de pesquisa a campo, com levantamento de material teórico sobre as definições e conceitos dos temas abordados. Segundo Trivinos (1987), essa pesquisa presta-se melhor em um enfoque dialético, histórico-cultural que tenha por objetivo a transformação da realidade que se estuda.

Utilizando essa metodologia, se reduz as limitações da pesquisa tradicional, empregando métodos tradicionais na coleta de dados, mas enfatizando posturas qualitativas e hermenêuticas sobre o tema. A região pesquisada participa da construção da resolução do problema e ao atingir uma consciência suficiente, quando os próprios envolvidos começam a criar situações de mudanças no contexto social em seus benefícios (TANDON, 1981).

A região a ser pesquisada é a Comunidade de São Pedro Frio que possui um grande potencial para o turismo rural, mas ainda não há na região empreendimentos turísticos, apesar de alguns produtores demonstrarem interesse no assunto (INCAPER, 2013).

Todas as coletas de dados relacionadas à captação de informações dos próprios atores da região ou de visitantes serão realizadas de forma indireta com troca e levantamento de informações baseados em conversas no modo informal a fim de não pautar de forma precipitada e menos abrangente toda a história cultural a ser extraída de fato como ela existiu.

Para uma compreensão inicial do trabalho a ser desenvolvido, apresentamos o conjunto da pesquisa organizado em três eixos centrais: a) axiomático, b) diagramático e c) programático.

- a) Esse primeiro eixo, o **axiomático**, visa trabalhar as referências de análises iniciais do território e do turismo em questão. É um processo complexo em que se elucidam algumas definições que serão úteis para a compreensão dos processos de territorialização/desterritorialização/reterritorialização. (SAQUET, 2015). O levantamento em campo de algumas variáveis, a parte histórico-cultural e econômica parte de uma avaliação, segundo um modelo em pequena escala, que explica as transformações que acontecem no processo de territorialização que visa definir o estado de natureza orgânica e mecânica para especificar os tipos de atores, de trabalhos, de mediadores, programas e relações do território. (SAQUET, 2015).
- b) O segundo eixo, **diagramático**, está relacionado a uma produção cartográfica social. A cartografia social constitui-se como um ramo da ciência cartográfica que trabalha, de forma crítica e participativa, com a demarcação e a caracterização espacial de territórios em disputa, de grande interesse socioambiental, econômico e cultural, com vínculos ancestrais e simbólicos. (GORAYEB; MEIRELES, 2014). Essa análise cartográfica visa, além de exemplificar o território, sugerir efetivas mudanças para um potencial identidade territorial. Visa-se inicialmente a produção de materiais impressos e virtuais no sentido de dinamizar a divulgação e reforço da produção sociocultural

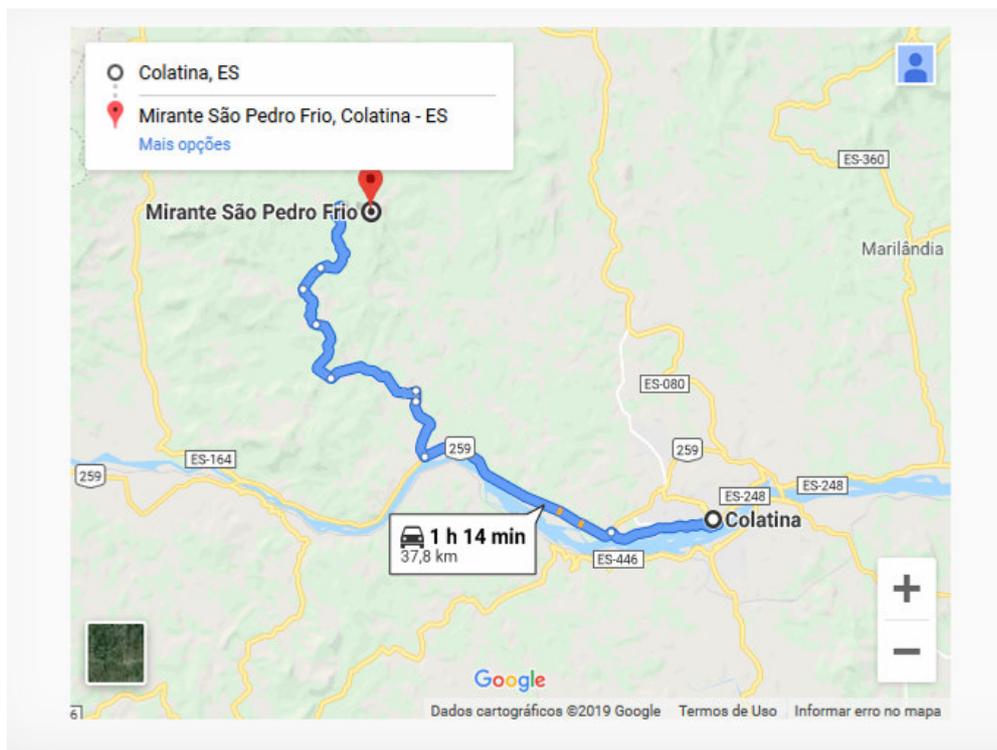
- da região, sugerindo a definição de identidades próprias através da criação de slogans ou marcas representativas de programas de desenvolvimento.
- c) do eixo **programático** deverá emanar um conjunto de ações concretas para o desenvolvimento territorial da região, oferecendo ao local um programa de ações que visam o reforço de sua identidade. Três pontos fundamentais dentro desse eixo podem ser trabalhados de maneira conjunta e social para que a região se desenvolva. O primeiro ponto se trabalha a divulgação dos resultados cartográficos e criação de calendário turístico com a comunidade externa. O segundo ponto um cronograma de trabalho na reconstrução e transformação dos locais e dos grupos locais menos receptivos ao turismo rural da região. E por fim, a implantação de um ponto de apoio sob a responsabilidade do Ifes-Campus Itapina dentro da comunidade para que atividades de pesquisa, extensão e desenvolvimento do território possam estar representadas com os parceiros do programa.

A metodologia escolhida, por implicar em pesquisa com ações e decisões envolvendo o coletivo, não aponta para a exposição de resultados finais. Essa dissertação deverá expor o andamento do processo desenvolvido, com indicação de seus momentos viciosos e virtuosos e avaliação de possíveis propostas de continuação.

#### **4.1 O Primeiro Eixo: Referências de Análises Iniciais do Território e do Turismo em Questão**

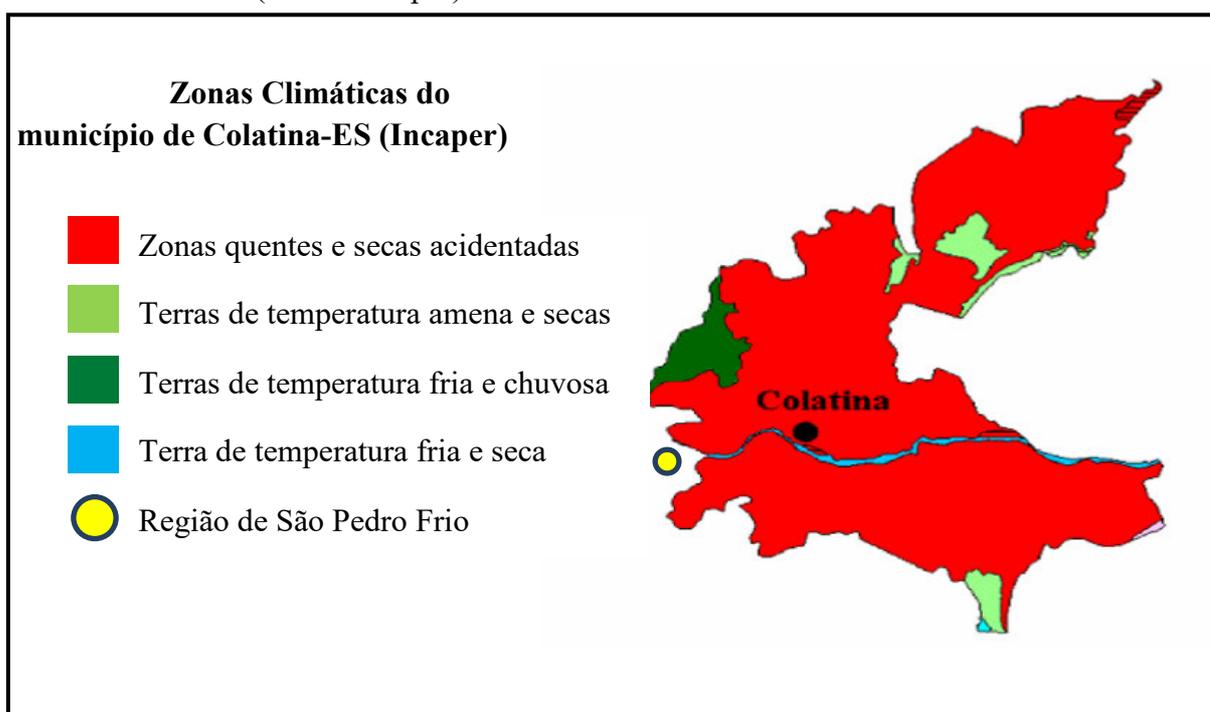
Segundo o Ministério do Turismo (2010) é preciso estar atento às especificidades que marcam o “local”, no contexto regional, e que o tornam singular, identificando o que o diferencia de possíveis concorrentes e como os recursos turísticos podem ser estruturados e transformados em atrativos, constituindo-se em produtos e roteiros. São Pedro Frio é uma comunidade que faz parte do município de Colatina, interior do estado do Espírito Santo.

Está situada aproximadamente 40km do centro da cidade, e não menos importante, e estrategicamente falando, está a 20km do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Itapina (Figura 5). Para chegar a São Pedro Frio o caminho é pela BR-259, no sentido entre as cidades de Colatina x Baixo Guandu, e a 800 metros após passar pelo Ifes – Campus Itapina (antiga Escola Agrotécnica Federal de Colatina) encontramos o acesso em estrada de terra à direita seguindo no sentido da comunidade de São João Grande. Daí para lá, o terreno começa a se elevar, ou seja, é só subida e podemos começar a explicar o motivo desse lugar chamar tanto a atenção de moradores e visitantes da região.



**Figura 5:** Distanciamento e Rotas do Centro de Colatina à São Pedro Frio.

Com cerca de 900m de altitude, São Pedro Frio se apresenta como um recanto de clima das montanhas em uma cidade quente e abafada, onde as temperaturas chegam a 35°C, 40°C facilmente durante maior parte do ano, segundo dados do Incaper (2013) (figura 6). Essa altitude transforma a paisagem do local e o que vemos constantemente são nevoeiros e um clima mais frio com temperaturas em torno de 7°C abaixo da temperatura média da cidade (Fonte: Incaper).



**Figura 6:** Zonas climáticas de Colatina. Programa de assistência técnica e extensão ruralproater (2013).

A baixa temperatura na região faz com que a paisagem se modifique rapidamente e tenha constantes nevoeiros ao decorrer do percurso entre estradas e lagos. Os pontos mais altos são os que proporcionam maior variação do clima e de visibilidade conforme observaram alguns pesquisadores ao longo do tempo:

A temperatura do ar é influenciada também pela altitude, latitude e longitude e, normalmente, decresce com a elevação da altitude numa proporção de aproximadamente  $1\text{ }^{\circ}\text{C}/100\text{m}$  (gradiente adiabático do ar seco). Esta taxa de arrefecimento ocorre, pois uma massa de ar seco em ascensão está sujeita a pressão cada vez menor, aumentando seu volume e diminuindo a temperatura. Como este gradiente térmico depende da saturação do ar, o decréscimo da temperatura média com a altitude se situa em torno de  $1\text{ }^{\circ}\text{C}$  a cada 180 metros. Maack (1981) cita a alteração de  $0,5\text{ }^{\circ}\text{C}$  para cada 100 metros e, como um dado mais geral, Ometto (1981) cita a alteração de  $0,6\text{ }^{\circ}\text{C}$  para cada 100 m de altitude. (DURY, 1972)

Conforme constatamos em medições e sistemas de GPS, os pontos citados com maior altitude no local são o Mirante de São Pedro Frio com 697 metros e a passagem da Serra da Cangalha com 897 metros de altura (Figura 7).



**Figura 7:** Lago do Mirante e subida para a Serra da Cangalha (São Pedro Frio-ES).

O clima diferenciado se torna uma potencialidade e característica de identidade local, o que pode vir a ser aproveitado para marcar um desenvolvimento turístico futuro. É preciso aproveitar suas características diferenciais em seu espaço para que haja o despertar de uma atividade turística no local. Neste sentido, Buarque (2002) aponta que o desenvolvimento local pode ser definido como o aproveitamento das potencialidades endógenas de uma localidade em prol da melhoria das condições de vida de sua população que diante da necessidade de diversificar a renda do homem rural e fixá-lo ao campo.

Além disso, segundo o planejamento seja ele turístico ou não, deve contemplar as principais características da região e do local, bem como os aspectos geográficos, os fatores climáticos, as formas de acesso, a infraestrutura, a paisagem, os aspectos socioculturais, entre outros elementos.

De um modo geral as estradas que ligam o asfalto da BR-259 até o ponto culminante de São Pedro Frio são acidentadas e de chão. Permanecem em condições de uso boa parte do ano, mas devido a chuvas e enxurradas frequentes na região se torna difícil

para acesso à veículos menores. Em outras palavras, se chover aparecem sérios problemas de mobilidade.

Ao longo da estrada algumas paradas são essenciais para sentir de perto a energia das águas. São belas corredeiras e quedas d'água e o convite é inevitável para uma interação. A maioria dos pontos não oferece balneabilidade e a parada é simplesmente para apreciação. Dificuldades de acesso e infraestrutura dificultam o acesso às águas claras e corredeiras de quem passa por ali (Figura 8).



**Figura 8:** Quedas d'água ao longo da estrada

São Pedro Frio também conta com atividades relacionadas à cultura da região e também a hospitalidade do povo que ali se encontra. Vale ressaltar como a mudança desordenada da região pode refletir nas mudanças geográficas culturais. Até meados de 2012 a 2013 a principal festa cultural da região e uma das principais festas culturais em Colatina era o Festival de concertina e viola realizado uma vez ao ano dentro da própria localidade (Figura 9). Diversos tocadores da região se reuniam para apreciar a boa música, sempre acompanhados de movimentos de outros grupos como Jeepeiros<sup>6</sup> e Andarilhos<sup>7</sup> que organizavam um passeio completo nas belas paisagens da região.

---

<sup>6</sup> Grupo de amigos que fazem trilhas para conhecer novos lugares com seus Jeeps em Colatina-ES.

<sup>7</sup> Grupo que promove caminhadas a mais de vinte anos em Colatina-ES.



**Figura 9:** Festival de Concertina e Viola, 2012 e Cartaz do Festival em 2014.

Percebe-se claramente que, a festividade era voltada para o turismo rural e trazia as tradições do local para o desenvolvimento da localidade através das festividades. Segundo Froehlich(2012), as festividades são os principais motivos das visitas ao território e constituem importante substrato simbólico para construção e afirmação dos sinais identitários.

Enfim, após esse período o local perdeu um pouco a relação identitária com a festa e passou a se tornar refém dos novos estilos musicais que bombardeavam a mídia e a sociedade em meados de 2014 a 2017. As festas caíram de rendimento quando não se procurava mais a cultura local e sim apenas diversão e valorização do encontro social. Nesse período perdeu-se uma identificação musical local, a qual mesmo em diversas pesquisas com moradores da região foram encontrados poucos músicos que demonstraram pouco interesse em continuar o festival no formato original com os instrumentos concertina, sanfona e viola. Cedeu-se os espaços para a nova formação musical que se distanciou da culturalidade. Segundo Carvalho (2005), um fato positivo da globalização é a diminuição das distâncias entre os povos. Porém, ao mesmo tempo, está sendo criado outro fato que pode se tornar perigoso, que é a perda da identidade cultural dos povos e a massificação dos hábitos e costumes.

A rápida expansão das mídias de informação e da economia se confronta com as identidades culturais. O desenvolvimento se torna bastante capitalista, incentiva o consumismo. Um modelo único de progresso baseado em comunicação em massa e capital pode provocar uma perda da identidade cultural dos povos e a massificação dos hábitos e costumes (PAIVA, 2014).

Podemos verificar esse processo em São Pedro Frio quando nos deparamos na linha do tempo das festividades locais que no ano de 2017, o que era um Festival com mais de 3.000 pessoas presentes, passou a ser apenas uma Festa da Primavera, que não é a estação que combina com o nome e a principal característica do local, ao meu ver, mas que se resumiu a um culto religioso e uma atração de forró (Figura 10). A parte da festividade planejada, pontuo aqui a divergência de hábitos entre as festividades, apenas.

Na contramão do que parecia irremediável, a própria comunidade começou a buscar recuperar as tradições perdidas, visto que as novas festividades não caíram no gosto de uma grande maioria local e foram relatados alguns problemas sociais que começaram a aparecer

na região em decorrência de aglomerações mal planejadas. Com isso a partir de 2018, as festividades, ainda com resquício de festa da primavera voltaram a pontuar atrações diversificadas que movimentam o meio rural, como se pode ver em 2019. Ainda longe de reativar sua cultura, mas caminhando para o rumo do resgate, a festa ganhou nome de “Festa no Interior”, ainda com banda de forró, mas já constante o resgate da presença dos “Andarilhos” e também fazendo referências as belezas naturais com suas explorações e catalogações já iniciadas.

Para Carvalho (2005), é imprescindível que as nações não se esqueçam de seu passado histórico, não correndo assim o risco de negligenciar sua cultura. É necessário respeitar hábitos e costumes de cada nação e evitar a homogeneização de seus valores.



**Figura 10:** Cartazes das festas de 2017 e 2019

No entanto, as transformações econômicas bem estruturadas também aparecem nas propriedades de São Pedro Frio. Pelo caminho também se pode encontrar algumas produções agrícolas que se destacam na região. É que nesse local, com o clima mais ameno, se encontram com alguns parreirais de uva e produção de lichia (Figura 11) é um fato e aos poucos vêm aparecendo a pitaya como fruta típica e também recentemente o plantio de tomate (Figura 12) e couve (Figura 13) que sofrem forte influência principalmente do clima (EMBRAPA UVA E VINHO, 2003), e são frutas típicas de regiões mais frias que se adaptaram ao solo e ao clima daquele local e sem registros destas cultivares nas demais regiões de Colatina (Figura 11).

A produção ainda está em pequena escala, mas já dá pra encontrar variedades de uvas que são vendidas nas feiras livres da cidade e em alguns casos, na própria propriedade. O parreiral também é aberto à visitação e para iniciar suas atividades contou com a ajuda do projeto “uvas da região”, realizado em parceria com o Ifes- Campus Itapina.



**Figura 11:** Produção dos sítios locais.



**Figura 12:** Plantação de tomate



**Figura 13:** Plantação de Repolho

Esses produtos, além do café arábica que começa a despontar como um café de qualidade superior conhecido na região, ainda dependem da parceria de instituições como o Ifes e Incaper que possuem profissionais que auxiliam nesse melhoramento com programas de qualidade para atrair maiores investimentos para a região. Encontramos ainda muitas variedades de plantas e árvores trazidas de outras regiões para o local por moradores locais

que viajavam pelo Brasil a procura de amostras de árvores exóticas sendo estas trazidas para a região, como se a ideia fosse de um santuário ecológico.

Ao longo do trecho do caminho você pode encontrar arvores exóticas como as árvores “barrigudas” (*Cavanillesia arbórea*<sup>8</sup>) (Figura 14) que são ocas em seus caules e complementam a paisagem como uma dose de exotismo. É costume os visitantes deixarem suas marcas nas famosas barrigas das árvores, o que acaba criando um tipo de xilografia (arte de entalhe).



**Figura 14:** Árvores barrigudas(*Cavanillesia arbórea*)

Conforme relacionado anteriormente ,e se analisarmos a região, diretamente relacionada ao seu, clima, paisagismo, festividades, gastronomia e agricultura local, é promissor o encontro das devidas condições em São Pedro Frio

## **4.2 O Segundo Eixo: A Demarcação Crítica e Participativa do Território: Potencialidades para a Expansão**

De acordo com a Cartilha de Orientações Básicas do Turismo Rural do Ministério do Turismo (2010), para se verificar a viabilidade de determinada localidade para o Turismo Rural, e mesmo para a sua estruturação, o primeiro passo é conhecer o que existe na região. É preciso que sejam inventariados os recursos naturais, além dos materiais e imateriais, aqui denominados de recursos turísticos, capazes de despertar o interesse do turista e motivá-lo a se deslocar até a região.

Gerando ações e valores a partir deste princípio, o espaço passa a absorver símbolos e códigos culturais que começam a ser reconhecidos pelo mundo os códigos podem ser definidos de diversas formas, mas em especial nesta ocasião, foram organizados da seguinte

---

<sup>8</sup>Também conhecida como Árvore garrafa – Baobá brasileiro – Barriguda – Imbaré , árvore símbolo, estampada no logo da Acta Botanica Paisagismo, representando a nossa maravilhosa e exótica flora, alguns a chamam de barriguda ,nome popular comum também a outras espécies brasileiras que formam um tronco espesso à mesma maneira de um Baobá africano.

maneira: clima, gastronomia, festividades, paisagismo e agricultura. A união das transformações destes fatores gera o início de um desenvolvimento territorial e criação de suas identidades.

Em termos práticos, Cavaco (2006) aponta que os produtos criados nos espaços rurais devem estar contextualizados, viabilizados e integrados de forma governamental e organizacional, e que a oferta seja uma compósita de produtos e serviços competitivos, num quadro de concorrência alargada, nacional e global, sem jamais esmagar as iniciativas de base endógena e local.

Contudo, a relação entre propriedade rural e o turismo devem estar diretamente conectados, respondendo inteligentemente e adequadamente os interesses sociais, culturais, ambientais, políticos e econômicos do desenvolvimento sustentável. Só assim, o turismo poderá ser um vetor complementar de desenvolvimento plausível e de efeitos positivos nas propriedades rurais. (CERETTA & SANTOS, 2013).

A elaboração de cartografias sociais vem acontecendo amplamente desde os anos 1990, configurando um domínio de problemas políticos, sociais, culturais e epistemológicos que constitui o campo de trabalho do presente ensaio. O conjunto das cartografias sociais é formado pelas experiências de mapeamento participativo (às vezes chamado de mapeamento comunitário), processo que se apresenta como resultado de um esforço coletivo que visa valorizar a percepção e o conhecimento de agentes locais nos processos de diagnóstico, ordenamento territorial, conservação de recursos naturais, resolução de conflitos socioambientais e planejamento (MONTEIRO, 2015).

De forma diagramática trabalharemos a seguir com o que chamamos de cartografia social.

O termo “cartografia” utiliza especificidades da geografia para criar relações de diferença entre “territórios” e dar conta de um “espaço”. Assim, “Cartografia” é um termo que faz referência à ideia de “mapa”, contrapondo à topologia quantitativa, que caracteriza o terreno de forma estática e extensa, uma outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorridas no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebido no mundo cartografado. (FONSECA e KIRST, 2003, p.92).

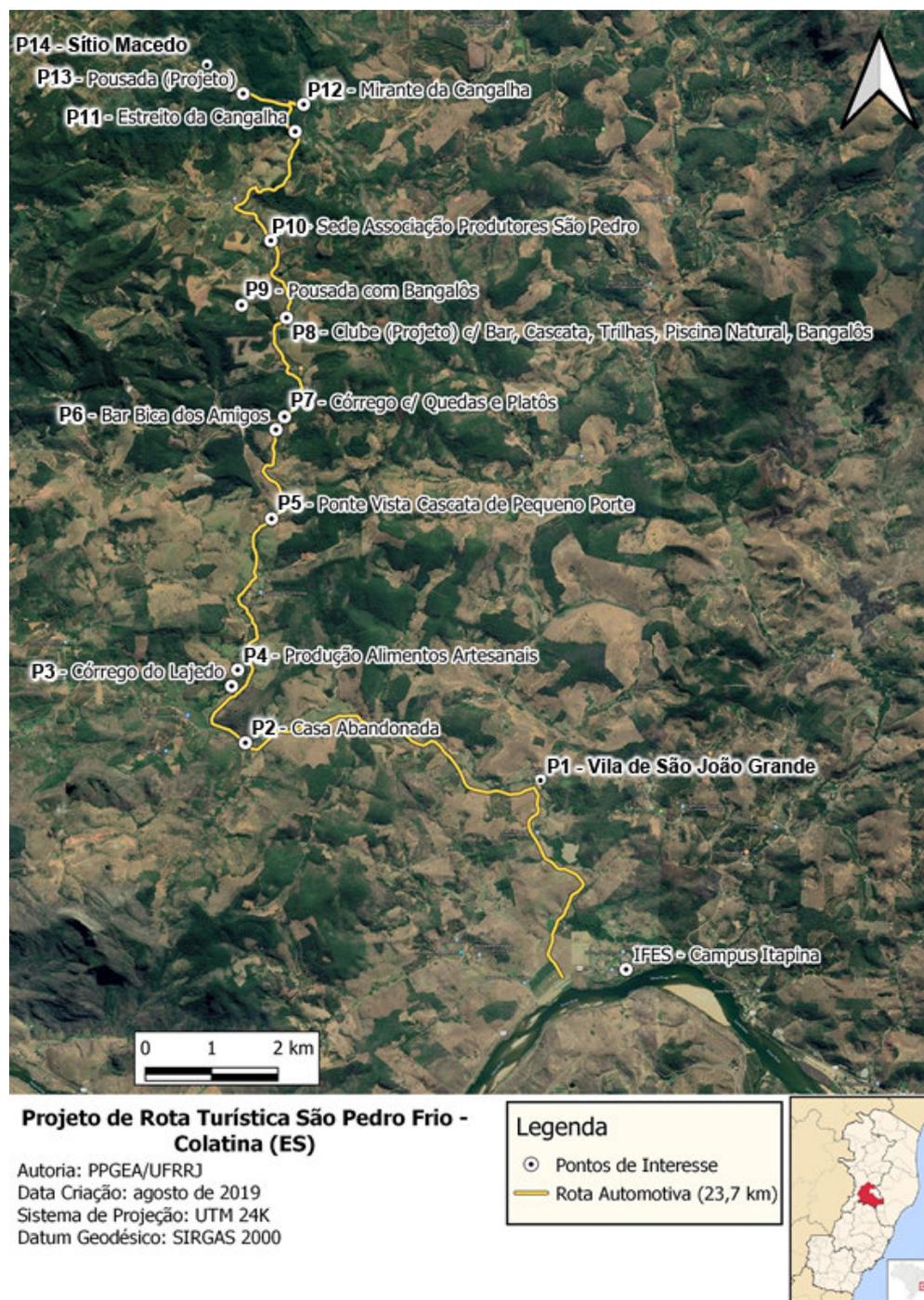
Assim, a cartografia social aqui descrita e entendida como Filho & Teti (2013) está relacionada ao conhecimento das ciências sociais e humanas e, mais que mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade.

Foram mapeados então alguns pontos da região que chamam a atenção por se tornarem atores mais ativos e porque não se dizer atrativos, se destacando entre os principais pontos de clima, gastronomia, festividades, paisagismo e agricultura. Outros pontos ainda se encontram sem a receptividade no acesso. Dentre os pontos ativos, há de se destacara seguir as partes territoriais com elevados potenciais de identidade cultural ecoturística na região.

O esboço de um método cartográfico deve ser feito levando em conta as já conhecidas perspectivas metodológicas de Foucault – arqueologia do saber, genealogia do poder. Deleuze (2005), afirma que uma nova cartografia se dá a desenrolar uma trama que está embolada em um só local com diversas pontas soltas que podem se encontrar, serem emendadas e dar uma linha contínua a um processo de transformação.

Desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de ‘trabalho de terreno’. É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no, de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal. (DELEUZE, 2005, p.1)

Portanto, a partir desses conceitos, pode-se definir o espaço geográfico cartográfico através de mapeamento de pontos que interagem entre si, sendo o mais explícito a relação entre homem e natureza conforme afirma Suertegaray (2001) que refere-se à paisagem como: um conceito operacional, ou seja, um conceito que nos permite analisar o espaço geográfico sob uma dimensão, qual seja o da conjunção de elementos naturais e tecnificados, socioeconômicos e culturais (Figura 15).



**Figura 15:** Mapa Cartográfico da Região.

A partir destes dados cartográficos iniciais serão descritos ícones e pontos do diagrama para melhor elucidar o papel o potencial identitário de cada um.

## IFES CAMPUS ITAPINA

O Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Itapina (Figura 16) é considerado a porta do circuito de turismo rural de São Pedro Frio. Uma instituição de ensino com mais de 60 anos que tende a inspirar confiabilidade nos moradores da região em desenvolver atividades, principalmente por se tratar de capacitações e ações que não requerem nenhum tipo de investimento por parte dos moradores. Parte deste ponto o início ao acesso pela estrada de chão e nele se concentram as informações necessárias para sua visita. No campus, foi criado em 2018 partindo do pressuposto de servidores e professores envolvidos nessa área um setor destinado ao desenvolvimento de Agroturismo na região e que presta frequentes serviços à comunidade no quesito de levar conhecimento e extensão de pesquisa aos produtores e moradores. Essa base de confiança foi verificada por Ceretta (2013) quando ela relata o papel da extensão rural e do turismo junto às pequenas propriedades.

Todas as políticas a serem estabelecidas para o fomento do Turismo Rural devem estar pautadas no diálogo baseado no reconhecimento aos aspectos culturais, na valorização histórica e no respeito aos atores envolvidos, permitindo aos mesmos serem os protagonistas da transformação de suas realidades com confiança e apoio. (Ceretta, 2013, pág 22).

Do Ifes e a partir do Ifes podem sair os pontos de apoio e principais incentivos ao desenvolvimento local de São Pedro Frio como base de apoio. Na Emater (2012), os eixos de atuação são: melhoria da infraestrutura de empreendimentos (embelezamento, saneamento, organização da propriedade, etc.); atendimento ao turista (hospitalidade, boas práticas, auto cuidado, higiene e comunicação); transformação de alimentos, resgate da gastronomia local, orientação sobre normas e legislações pertinentes à área, participação nas instâncias de gestão locais, apoio à divulgação e promoção do turismo rural na agricultura familiar através da participação nos principais eventos agropecuários, entre outras. Essas ações são realizadas através de atividades participativas, individuais e coletivas como: visitas, palestras, excursões, cursos, oficinas, entre outros, sempre junto às parcerias locais e regionais.

Esta articulação citada no parágrafo anterior vem realizando um ponto primordial no desenvolvimento do local como território. A junção do poder público, do privado e dos atores da região para os investimentos ali citados e a caracterização de uma mudança de postura dos moradores da região. Dentro do período da pesquisa, por diversas oportunidades foram realizados treinamentos, palestras e reuniões que apreciavam ideias de ambos os lados para um desenvolvimento ordenado da região. O ponto inicial foi a reunião para implantação do primeiro passeio turístico na região para levantar informações sobre as possibilidades turísticas de São Pedro Frio. A partir dessa primeira reunião, alguns atores permaneceram, outros desistiram, outros entraram, mais representantes da comunidade apoiaram e a movimentação para um progresso começou a ficar mais forte (Figura 17).

Fernandes & Botelho (2006, p.24) consideram que a única forma de fazer com que o serviço de extensão rural realmente alcance seus propósitos de mudança e desenvolvimento no meio rural será a partir da percepção deste espaço como um espaço onde se estabelecem múltiplas relações, que estão diretamente correlacionadas e que atuam na formação de novos vínculos.

Todas as políticas a serem estabelecidas para o fomento do Turismo Rural devem estar pautadas no diálogo baseado no reconhecimento aos aspectos culturais, na valorização histórica e no respeito aos atores envolvidos, permitindo aos mesmos serem os protagonistas da transformação de suas realidades com confiança e apoio.



**Figura 16:** Ifes – Campus Itapina



**Figura 17:** Reunião no Incaper com produtores e representantes do poder público.

## P1 - A VILA DE SÃO JOÃO GRANDE

Território menos conhecido que São Pedro Frio, mas estrategicamente falando em excelente ponto geográfico distante a pouco mais de 5km do Ifes Campus Itapina, ponto inicial desse roteiro, encontramos a Vila de São João Grande. Uma vila pacata com poucos moradores, mas com estrutura para receber visitantes que passam por ali até São Pedro Frio. Temos nesse trecho de estrada um ótimo ponto de parada ou visitação para que a viagem não fique longa e cansativa.

Conforme Callou (2006) emerge a noção de desenvolvimento local como estratégia para resolver, através de uma dinâmica de “concertar” os territórios, os problemas de exclusão social gerados pelos processos contraditórios de globalização de inclusão e exclusão.

É exatamente o que se espera de um vilarejo com gente simples e estrutura dos tempos coloniais, e que se baseou até então no modelo de agricultura tecnicista que cada vez mais

depende de investimentos tecnológicos e financeiros para manter o sistema de agricultura em funcionamento. Está aqui uma grande oportunidade de se deparar com um pouco mais de cultura, de incentivar a visitação à história e as atividades históricas que fazem da vila um local referencial da vida antiga que resgata o passado de hoje territórios que viraram cidades.

Em termos práticos, Cavaco (2006) aponta que os produtos criados nos espaços rurais devem estar contextualizados, viabilizados e integrados de forma governamental e organizacional, e que a oferta seja uma composta de produtos e serviços competitivos, num quadro de concorrência alargada, nacional e global, sem jamais esmagar as iniciativas de base endógena e local. Contudo, a relação entre propriedade rural e o turismo devem estar diretamente conectados, respondendo inteligentemente os interesses sociais, culturais, ambientais, políticos e econômicos do desenvolvimento sustentável. Só assim, o turismo poderá ser um vetor complementar de desenvolvimento plausível e de efeitos positivos nas propriedades rurais.

Moradores e líderes da comunidade em questão relataram com frequência às visitas realizadas para levantamento de dados que desejam aderir a um novo conceito de turismo rural e desenvolvimento territorial. O medo de “ser esquecido” quando uma comunidade vizinha ganha visibilidade é comum em pequenos vilarejos ao redor. Beni (2003), relata que suas características no espaço rural, é o que traz como objetivo geral analisar a atividade de extensão rural na organização do turismo em pequenas propriedades rurais e, especificamente, realizar uma abordagem sobre a extensão rural no contexto local; identificar a relação entre os espaços e o turismo, bem como, catalisar algumas alternativas de atividades. Partindo desse pressuposto, cada vilarejo, cada paisagem, cada aspecto local age como um membro de um todo que é a extensão turística do desenvolvimento local, portanto abrindo novas opções para que os vilarejos ao invés de esquecidos, ajam também como atores no desenvolvimento.

## P2 - CASA ABANDONADA

Por que se fazer aqui uma atenção especial a uma casa abandonada? Através do incremento de novas atividades é que se promove uma revalorização dos territórios rurais. Ceretta (2013) relata que alguns predispostos ao abandono, podem e devem passar a ser objeto de atração através de seus elementos naturais, da beleza cênica, da cultura e dos saberes. Trata-se de um processo que envolve transformações na identidade e postura dos diferentes atores, pois a implantação de mudanças vai requerer também a mudança de conscientização ali envolvida. O que seria uma construção de guarda de alimentos ou algumas ferramentas antigas, pode ter a missão agora de guardar a história e os objetos que ali contaram essa história.

Distante 4km do Ifes campus Itapina, a casa está localizada a beira da estrada e com um porte de casarão, esta construção chama a atenção por quem quer que passe. O que encontra-se de registros ali, são somente relatos de antigos moradores da região que dizem que a construção seria uma pousada, outros relatam um paiol, mas o que sabe-se mesmo é que nela tem-se um excelente lugar para uma apresentação histórica da região em forma de museu ou até mesmo um ponto de vendas de produtos da região. Um cartão de visitas para os atrativos que virão a seguir pode ser trabalhado neste local com apoio de historiadores e moradores.

A cultura é um elemento que gera as ações e valores dos que dela fazem parte, o espaço passa a absorver símbolos e códigos culturais, nas quais identificam uma determinada cultura e podem ser visíveis e reconhecidos a outros espaços do mundo, formando paisagens culturais. Os códigos culturais provenientes e mais evidentes na região podem ser definidos como: a arquitetura, a gastronomia, o modo de vida, o paisagismo.

Em se falando de museu, há de se pensar em seu novo papel perante a sociedade. Hoje ele se confunde-se com o centro cultural, abrigando outras áreas de conhecimento. O seu

acervo deixa o espaço sagrado e vai revelar-se em outros lugares anteriormente jamais pensados, como os centros comerciais, ruas, praças e praias (LIMA, 2001). Complementando o texto, porque não também em desenvolvimentos rurais? O museu hoje, rompe fronteiras, ganha o título de espaço vivo pela nova dinâmica que se propõe e pela junção de elementos capazes de diversificar em um só local a história contada a partir do próprio local, podendo aqui se ter uma visão mais crítica e dialética de visitantes.



**Figura 18:** Casa abandonada à beira da estrada

### P3 -CORREGO DO LAGEDO

Segundo (Ceretta, 2013), pode-se dizer que para geografia o espaço é constituído por paisagens. Dessa forma, a noção de espaço geográfico é mais ampla que a de paisagem, pois no espaço geográfico estão presentes os elementos e aspectos que existem nas paisagens, mas também nas diversas ações que as pessoas realizam nas paisagens. Ações estas, que correspondem aos variados tipos de atividades humanas: trabalho, estudo, lazer.

O córrego do lagedo, geograficamente conceituado, é um fluxo d'água a beira da estrada. Encanta pela correnteza, pelo barulho da água batendo nas pedras e pelo fácil acesso da estrada. Na visão de Massey (2008) o espaço é uma simultaneidade dinâmica, constantemente alterada pela interrelacionalidade, pela permanente espera da construção de novas relações. Ainda nesta temática, Massey (2008) afirma que o espaço se faz e refaz porque as relações geram um processo de construção. Nesse entendimento, uma intervenção de balneabilidade com construções de decks e platôs onde os visitantes possam deslumbrar a natureza e também se banhar nas águas pode se tornar um ponto de harmonização entre o que a corredeira oferece e a sintonia que o ser humano busca com sua natureza.

A partir desse ponto de criação de sintonia, deixamos a geografia do espaço de lado e conectamos os conceitos mais abrangentes da geografia da vivência no qual os conceitos se completam. Com isto, ao atribuir artefatos culturais sobre um espaço num período de tempo, observa-se as relações do homem e natureza criam paisagens culturais e estas por sua vez, estão associadas à vivência e dinâmicas das pessoas que convivem neste espaço ou habitaram-no.



**Figura 19:** Córrego do Lajedo

#### P4 - SITIO SOARES

Após a Vila de São João Grande, esta é a primeira parada onde encontraremos pessoas e disponibilidade para conhecer produtos gastronômicos da região. No Sítio Soares, a hospitalidade está entranhada na recepção dos proprietários e dali também saem produtos típicos da região que podem ser consumidos também no local.

Num mundo cada vez mais globalizado e numa cultura cada vez mais mundializada, como lembram Panosso Netto e Trigo (2009) elas se dividem em três pés – o mercado financeiro, a mídia e o turismo – a associação conceitual entre hospitalidade e turismo é cada vez mais forte.

Podemos definir hospitalidade, do ponto de vista analítico assim como Camargo (2019) como um processo de interação humana em contexto doméstico, urbano, comercial e virtual, dentro do qual um anfitrião recebe, eventualmente ainda hospedando, e/ou alimentando e/ou entretendo, um visitante/hóspede temporariamente deslocado de seu “habitat” natural.

A hospitalidade que não nos condena à filas, que não nos nega serviços essenciais, que não nos falta com a educação está centrada no Sítio Soares. O proprietário Senhor “Tita”, um homem de 58 anos a pouco tempo resolveu abrir as portas do sítio para receber as pessoas que por ali passavam. O sítio conta com uma área ao lado da estrada bem gramada e algumas casas ao redor onde são feitos também produtos artesanais de alimentação que são vendidos aos visitantes. Ao chegar no local pode-ser ter a sensação de se sentir em casa, puxa-se uma cadeira para se sentar, oferece-se produtos para experimentações, visitas aos locais de plantio, uma boa conversa e as histórias da região.

O proprietário pretende investir na propaganda à beira da estrada para que os visitantes se sintam à vontade de parar e visitar sua propriedade. Hoje eles recebem pessoas que por ali passam, mas não tem nenhuma estrutura visual para um aporte dos viajantes. Os que ali param são conhecidos ou já foram apresentados ao local.

No sentido de melhorar o atendimento ao consumidor e chamar sua atenção para o local, para o espaço da vida familiar, do comércio, as paisagens e da gastronomia ali presente a utilização das táticas de valorização da imagem dos pontos chama a atenção dos consumidores. Ao tornar o lugar mais agradável os moradores utilizam-se, simbolicamente, da atração visual do cliente.

O proprietário em conversa após algumas visitas pretende também o investimento em uma área de banho que existe na propriedade além de criar outros entretenimentos não só

para um visitante em si, mas toda a família. Um chalé no alto das montanhas, passeios nas trilhas e banho de cachoeira estão no roteiro de um futuro próximo.

Além da relevante melhoria nas estruturas, destaca-se não somente o visual de chegada, mas também os produtos artesanais que ganham mais credibilidade e confiança do turista. Produtos sendo incorporados nas tendas, tendo em vista a satisfação dos consumidores que nutrem apreço pelos produtos rústicos, o comércio na beira da estrada também inova, se moderniza, harmoniza e embeleza seu espaço (TEDESCO, 2013).



**Figura 20:** Sítio Soares (Café da manhã)



**Figura 21:** Sítio Soares (Café da manhã)

## P5 - PONTE DA CASCATA

A ponte da cascata tem a visão de uma das mais bonitas cachoeiras do percurso. Uma queda d'água alta e com bom volume de água chamada de Cachoeira do Rossi e encanta o local. O acesso a esta cachoeira ainda precisa ser melhorado, mas vale a pena uma vista. O lugar fica no caminho para o mirante de São Pedro Frio, rodeada de natureza, da estrada já dá pra ouvir o barulho das águas.

Algumas dificuldades são encontradas nesta que pode ser a cachoeira com maior balneabilidade do percurso. Como a região, mesmo com belas quedas d'água aparentemente não oferece muitos relatos de balneabilidade, foi questionado a alguns visitantes que fizeram seu primeiro contato com este local sobre alguns aspectos turísticos ali representados.

Ao questionar sobre a preservação do local em entrevista indireta nas conversas com as pessoas que ali frequentaram em alguns passeios turísticos, 80% dos entrevistados afirmam que há preservação ecológica no local. Mais de 90% conheceu o local passando pela estrada em direção a São Pedro Frio e foram atraídos pela beleza e pela visibilidade. Das pessoas que fizeram a visita a primeira vez, cerca de 85% voltariam ao local para utilizar a cachoeira para banho, caso fosse possível e também 75% disseram ser difícil o acesso e não conseguiram entrar nas áreas próximas por não conhecer o local e não visualizarem nenhum símbolo ou ícone que ofertasse a favorecimento à sua visita e tampouco quanto a sua utilização para banho. Relatos de moradores locais foram ouvidos dizendo que muitas pessoas não entram ou desistem no meio do caminho e abandonam a visita local.

Percebe-se então que há um grande potencial turístico, mas ainda não planejado como deveria. Segundo Ruschmann (1997) o relacionamento do turismo com o meio ambiente tem se caracterizado por alguns aspectos peculiares e que deverão ser consideradas as ações e estratégias do planejamento da atividade. Para que o desenvolvimento ocorra de forma equilibrada é necessário estabelecer critérios para sua utilização.

Como relatado na pesquisa, a maioria das pessoas requerem este espaço como utilização de banho e atividades de lazer e explorar esse potencial turístico deve ser trabalho de forma a evitar o impacto negativo à ecologia e a estética.



**Figura 22:** Cachoeira do Rossi



**Figura 23:** Cachoeira do Rossi (visão da estrada)

#### P6 - BAR BICA DOS AMIGOS

Se por um lado temos belas quedas d'água ainda quase que intocadas, por outro lado alguns pontos dessas corredeiras já foram bastante “colonizados” se assim se poder dizer. Este é um dos pontos mais frequentados hoje para quem deseja um local que ofereça serviço de bar e banho de cachoeira.

Um bar entalhado em meio as pedras e um grande rochedo. Uma pequena queda d'água que corta o estabelecimento em forma de pequenas piscinas naturais. Quiosques de guarda-sol foram feitos ao redor. Um pequeno bar ao redor das casas e algumas mesas de sinuca. O proprietário é muito hospitaleiro e se põe à disposição sempre que necessário. Até então a descrição cativa e potencializa o turismo e também o território como ícone de lazer e contato com a natureza rural, área de banho, culinária e paisagismo, todos os requisitos para uma extensão territorial ligada ao turismo como foi relatado anteriormente por Schneider (2006). Mas o desenho vetorial clássico de um comércio globalizado e pouco atrativo é a venda de produtos que em sua totalidade são industrializados.

Faz-se aqui, uma comparação ao potencial turístico inserido na cultura local de parceria e confiança com a atividade tipicamente urbana inserida no meio rural, muito avaliada por Schneider (2012). Um análise visual destaca que o comércio ali se remete somente a produção urbana, sem nenhum tipo de “ingrediente” da região. São bebidas e comidas industrializadas e advindas dos centros urbanos, mesmo o local advindo de uma produção rural típica. Da corrente de água foram feitas algumas bicas com tubos de PVC. Ideia interessante com materiais incompatíveis. Visualmente falando ainda é necessária uma intervenção de paisagismo, a utilização mais focada na cultura local, no oferecimento de produtos típicos da região.

Em termos práticos, Cavaco (2006) aponta que os produtos criados nos espaços rurais devem estar contextualizados, viabilizados e integrados de forma governamental e organizacional, e que a oferta seja uma composta de produtos e serviços competitivos, num quadro de concorrência alargada, nacional e global, sem jamais esmagar as iniciativas de base endógena e local. Contudo, a relação entre propriedade rural e o turismo devem estar diretamente conectados, respondendo inteligentemente e adequadamente os interesses sociais, culturais, ambientais, políticos e econômicos do desenvolvimento sustentável. Só assim, o

turismo poderá ser um vetor complementar de desenvolvimento plausível e de efeitos positivos nas propriedades rurais.

Dos visitantes que ali estiveram e foram entrevistados verbalmente, apenas os moradores da região dizem frequentar o local por falta de opções de bares próximos. A maioria dos visitantes de primeira viagem se encantam com o local em si, mas 80% disseram não voltar para uma visita com amigos ou parentes por questões do oferecimento de alimentação e do formato de oferta dos serviços, mais relacionados aos bares frequentados apenas por homens. Não foi identificada nesse local alguma presença feminina, que poderia tornar o local mais receptivo para frequência das mulheres. O pensamento de Freitas e Reis (2015), afirma que houve uma mudança no perfil do mercado de trabalho nos dias atuais e também das relações sociais, áreas onde o homem era elemento principal estão sendo ocupadas por mulheres para relação de receptividade e confiança entre os dois gêneros.

Destaca-se em conversas informais com os visitantes nesse período de pesquisa que 95% disseram não querer frequentar o local por achá-lo tipicamente masculino. Apesar da boa hospitalidade e receptividade do proprietário, fica registrado aqui como o caráter paisagístico, culinário e cultural faz muita diferença quando relacionarmos a inserção da utilização dos locais rurais no cotidiano das pessoas.

Destacado por Schneider (2012), os produtos locais, ou seja, os produtos produzidos no espaço em que são comercializados, permitem a valorização do local, pois é nesta escala espacial que se dá construção de relações de confiança entre produtores e consumidores, possibilitando que as interações sejam menos impessoais e mais enraizadas, fazendo com que a sociabilidade passe a considerar e valorizar a cultura.

É nessa relação social que são acionadas a promoção de mecanismos de confiança entre o espaço rural, o que ele oferece e os anseios do turista e por que não dos moradores locais.



**Figura 24:** Bica dos Amigos



**Figura 25:** Bar Bica dos Amigos (Visitação)

## P7 - QUEDA D'AGUA E BANHO DE CACHOEIRA

Um pouco acima da Bica do Amigos, os visitantes da região começam a desbravar um novo local para balneabilidade. Ao lado da estrada há um pequeno platô de terra e pedra bem próximo de uma queda d'água que forma algumas piscinas naturais. O local é conhecido como Cachoeira das Três Quedas. Nesse local é fácil o banho nas águas que descem das pedras e ainda conta com um local onde vem sendo utilizado para realização de churrascos e comemorações nos fins de semana, devido as marcas deixadas no terreno.

Aqui percebe-se a necessidade da fuga do espaço urbano para um espaço rural destinado ao contato com a natureza e à liberdade expressiva, não se esquecendo é claro da responsabilidade em manter o ambiente em harmonia para a sustentabilidade.

Nessa mesma linha de pensamento, Cunha (2003), ressalta a importância de uma nova estratégia de desenvolvimento do turismo nacional baseado na diversificação espacial/geográfica. Kastenholz (2005) enfatiza a oportunidade de um desenvolvimento diferente e diferenciador, apostando no autêntico e visando o sustentável.

Porém, na base desta procura estão razões de ordem social e psicológica intimamente associados à realidade social e imaginária do indivíduo de “quebrar a rotina” ou “escapar da vida cotidiana”, algo que não existe no local onde ele (turista) vive e trabalha ressalta Silva (2012).



**Figura 26:** Local para banho de cachoeira

#### P8 - PROJETO CLUBE SÍTIO DO WALTER

Froehlich(2012), também cita a hospitalidade do povo e a gastronomia como termos mais lembrados pelos visitantes quando se dirigem a um turismo rural ou a um local delimitado como tal. E dentro desta concepção falaremos a seguir da hospitalidade como verdadeiro produto de receptividade.

Sem dúvida nenhuma um dos pontos mais estruturados de um possível roteiro. O local conta com uma “venda” que é um pequeno comércio onde se encontra produtos da região além de produtos de necessidades básicas e alimentação. O sítio conta com algumas lagoas que são utilizadas para pescaria, e também com uma flora invejável.

Ao lado de uma ponte de madeira, o local tem um pequeno lago de águas vindas da cachoeira onde pode banhar-se ao lado de um bar e de uma área de camping. Acima desta área encontramos já a construção de 2 chalés que são destinados aos visitantes que queiram passar a noite ali.

Mais adiante, se encontratrilhas no meio da mata ao lado da queda d’água que podem ser exploradas com caminhadas bem tranquilas. O sítio é muito bem cuidado com paisagismo e limpeza, sem contar a receptividade dos donos que deixa qualquer um bem à vontade no local.

O local é uma verdadeira junção de diversos fatores que compõem um turismo rural em apenas um só lugar. Atividades como o estudo da flora, caminhadas ecológicas, centro de estudos e gastronomia local pode ser facilmente aplicado a este ponto por ser tratar de proprietários com bom conhecimento em comércio, alimentação, flora e paisagismo local.

O ponto de referência de gastronomia está aliado ao bom paisagismo na construção de uma imagem de atração aos turistas pelo desenvolvimento da culinária local ali. A relação entre o turismo e a gastronomia eleva a busca do conhecimento sobre novas culturas, sabores

e saberes, uma vez que os turistas buscam novas experiências apreciando diferentes pratos e bebidas.

Assim, o turismo gastronômico é um segmento que articula a atividade turística com a oferta de serviços de alimentação, estabelecendo uma relação com a identidade da cultura local e regional, ao compartilhar os hábitos e costumes de um povo, provocando o deslocamento motivado pelo interesse pela gastronomia típica de localidades (CÓRNER, 2006; BRASIL. MTUR., 2010).



**Figura 27:** Entrada da Propriedade



**Figura 28:** Sítio do Walter e da Fernanda

## P9 - POUSADA MONFARDINI

O Sítio Monfardini vem realizando um trabalho interessante na divulgação de um local típico da região para que os visitantes possam se hospedar e desfrutar do clima e das belezas da região. A propriedade era um simples sítio de família com porteiras amarradas por correntes, e hoje faz o trabalho inverso abrindo suas portas para o trabalho no sentido do turismo e agroturismo rural na região.

A primeira experiência de destaque em turismo rural no Brasil é a do município de Lages-SC. Essa experiência surgiu por iniciativa de alguns pecuaristas de gado que acolhiam viajantes, e perceberam nisso uma oportunidade de agregar valor as suas estruturas. Como resultado, o número de turistas aumentou em 450 % no período de 1992/96, e o número de pernites aumentou em 430%, por visitantes que direcionaram a necessidade de pernoitar nos locais de viagem para desfrutar de todo o passeio. (CAMPANHOLA e GRAZIANO, 1999 p. 17).

Vale destacar que esse era o projeto inicial de um turismo voltado ao campo e obteve bastante êxito no oferecimento de estadias e serviços de pousadas na região. Conforme os princípios do agroturismo, a pernoite nos locais de visitação sempre estiveram presentes nas atividades naturais afins que envolvem as demais como caf e da manh a, nascer e pôr do sol, dentre outras.

Nesse sentido, a oferta do pernoite no Sítio Monfardini possui além do valor comercial, a busca do aumento de visitantes na região que já conta com algumas opções de alimenta o e lazer incluídos e um serviço de telefone e WhatsApp para realiza o de reservas   distância.



**Figura 29:** Instalações do Sítio Monfardini (São Pedro Frio-ES)

## P10 - ASSOCIA O DE PRODUTORES RURAIS E ASSOCIA O DE MULHERES FLORISTAS E CULINÁRIAS

No contexto organizacional, encontramos as instâncias associativas do local<sup>9</sup>, que têm como ponto forte a Associa o dos Produtores Rurais de São Pedro Frio, o qual realiza atividades na agricultura, e dentro desta associa o uma Organiza o de Mulheres do campo que trabalham basicamente para a produ o agroindustrial e de comidas típicas caseiras da região.

Essas associa es movimentam basicamente toda a economia do local e ajudam no desenvolvimento de atividades da agricultura. Neste ano de 2019, uma nova tendência do local, com a moviment o de setores para alavancar o turismo rural na região, começa a

<sup>9</sup>São sociedades formais criadas com objetivo de integrar esforços e a es dos agricultores e seus familiares em benefício da melhoria do processo produtivo e da própria comunidade a qual pertence” MORAES e CURADO (2004: p. 2).

aparecer mais no cenário, a participação feminina através da Associação das Mulheres Floristas que visam desenvolver a floricultura na região. Esse projeto, inclusive tem parceria com o Ifes para utilização de laboratórios de pesquisa e alguns membros do poder público para financiamento, juntamente com o apoio da Associação de Produtores visa produzir os mais variados tipos de flores na região se tornando um ótimo atrativo para o local.

A vinculação com outras políticas públicas é decisiva para o desenvolvimento do turismo no local, assim, a atividade não depende somente de questões que proporcionam a viagem e a recepção do turista, como a estrutura física, os hotéis e restaurantes. Precisa ser considerado como uma atividade complexa, que proporcione o bem estar dos moradores do local e dos turistas [...] (Farias, 2014: 191). Isso nos leva a diagnosticar as associações e organizações ali inseridas como elementos chaves no apoio à comunicação e as atividades a serem implantadas.

Os líderes dessas instâncias têm apoiado o desenvolvimento do turismo na região, fato que pode ser observado com a criação do Grupo de Mulheres Floristas, pós 2018 para não somente a produção e comercialização nas feiras locais do município, mas também na promoção do paisagismo local a ser reconstruído.

A associação além de garantir o escoamento dos produtos da região também trabalha em prol do desenvolvimento sustentável da região conforme informou o presidente Fábio Alexander Teixeira. Vale destacar nesse desenvolvimento o projeto agroindústria que conta com cerca de 70 mulheres da região que levam aipim, banana, leite outras diversas matérias primas produzidos em seus próprios sítios e propriedades à agroindústria ali existente, onde são processados e viram doces, bolos e pães para serem oferecidos à instituições carentes ou revendidos em feiras livres da região.

A Associação ainda não conta com um ponto de venda fixo em São Pedro Frio e toda a produção é escoada à cidade. É importante ressaltar que com o início da prosperidade de um turismo rural na região, estes produtos tem um papel importante no seu desenvolvimento, pois além de capacitarem as produções locais dos moradores, tendem a se tornarem fixos e realizarem o caminho inverso, ao invés de ir até o turista, fazer o turista vir até ele.



**Figura 30:** Grupo de mulheres da Associação para produção de produtos agroindustriais.



**Figura 31:** Comercialização de produtos da Associação à beira da estrada em passeio turístico.



**Figura 32:** Flores naturais cultivadas em caules (Atividades do Grupo Mulheres Floristas).

#### P11 - ESTREITO DA CANGALHA

O estreito da Cangalha ou Serra da Cangalha como alguns denominam está a poucos metros do Mirante de São Pedro Frio. Um pequeno pedaço de terra que liga a povoação de São Pedro Frio ao seu ponto mais frequentado em se tratando de turismo e paisagismo, o Mirante.

Mas o que um pedaço estreito de terra teria de interessante para ser considerado um ponto potencial do turismo? A resposta está implícita na pergunta. Uma estrada que tem apenas 3 metros de largura, onde de um lado temos um precipício e do outro uma visão do

vale a aproximadamente 960 metros de altitude em um estreito de apenas 3 metros de chão, como se fosse uma ponte de ligação. Chega a ser assustador, mas a vista do local é deslumbrante.

Esse espaço pode ser utilizado para observações e fotos em geral. Chama atenção por sua característica diferenciada e todos que por ali passam podem sentir aquele frio na barriga de estar tão alto e ao mesmo tempo em tão pouco pedaço de chão. Parece perigo, mas o local é seguro de se passar. Cabe ali também algumas sinalizações e porque não a construção de um observatório ou alguma construção que caracterize o local.



**Figura 33:** Estreito da Cangalha entre os penhascos.

## P12 - MIRANTE DE SÃO PEDRO FRIO

Enfim chegamos ao Mirante. O ponto mais frequentado do local, onde podemos ter uma vista dos grandes Pontões Capixabas<sup>10</sup>, as belas montanhas da região como a famosa Pedra da Baleia e o Rio Doce que acaba se transformando em um grande fio de água ao longe.

Ao lado do ponto de observação, podemos ter a sensação de se molhar nas névoas de uma das mais belas quedas d'água existentes na região. O local é bonito, mas carece de cuidados para proteger eventuais visitantes, pois é possível chegar rente aos paredões de pedras, a uma altitude de quase 620 metros, onde qualquer descuido pode resultar em acidente. Há uma construção ao lado que podemos observar com maior segurança toda a paisagem da região e que também precisa e pode ser melhorada.

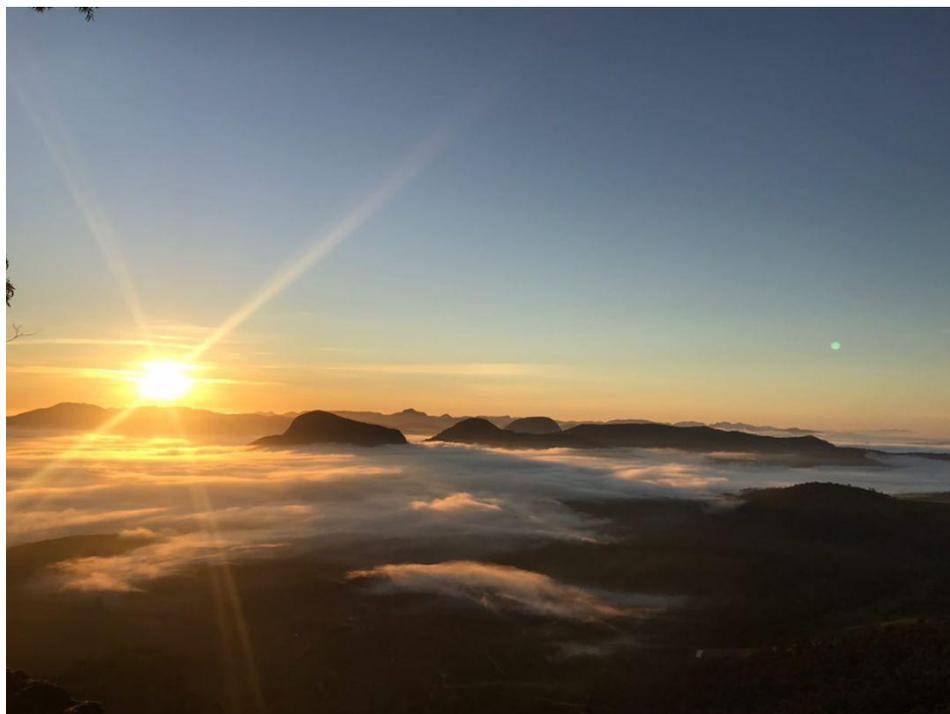
Neste local, já se praticam esportes radicais como o rapel e a descida da cachoeira. Também é um local propício ao camping e passeios nas trilhas da região. Uma pequena infraestrutura de acesso foi montada para acesso ao mirante, mas é necessário maior cuidado paisagístico para oferecer o melhor do local com segurança para qualquer visitante.

A missão social do paisagismo compreende em fazer o visitante entender o que a natureza representa procurando conservá-la, pois é dela que depende a sobrevivência dos

---

<sup>10</sup> Monumento Natural dos Pontões Capixabas é uma região de formações rochosas que agrega nove municípios no Noroeste do Estado do Espírito Santo. O Parque Nacional dos Pontões Capixabas foi criado por decreto presidencial de 19 de dezembro de 2002 e a lei federal 11.686/2008 alterou a categoria da unidade de conservação para monumento natural

seres vivos, tendo o máximo de consideração com o destinatário de suas criações (LEENHARDT, 2006). Nesse sentido, o paisagismo procura aliar conservação com contemplação, criando ambientes para o esporte e lazer procurando trazer benefícios a sociedade, áreas verdes bonitas e agradáveis para passeios, descanso e prática de esportes (GATTO, et. al, 2002, b).



**Figura 34:** Nascer do Sol no Mirante de São Pedro Frio.



**Figura 35:** Vista da Cachoeira do Mirante (São Pedro Frio-ES).



**Figura 36:** Rapel na Cachoeira do Mirante.

### P13 - BAR COUNTRY, ESTADIAS E ECOTURISMO

A sétima obra pesquisada “O Turismo no Espaço Rural: uma estratégia para a nova gestão rural brasileira” (1999) é apresentada pelas autoras como uma análise dos pontos fortes e fracos dessa estratégia empresarial e apresentam sugestões para melhorias no setor. A sobrevivência é um fator importante para a realização de mudanças e a utilização ou criação de novas estratégias que permitam uma melhor rentabilidade e a manutenção do homem no campo.

As autoras enfatizam que a exploração do turismo no espaço rural é vista como uma das alternativas, possibilitando observar o surgimento de um novo tipo de proprietários de terra “empresários do setor rural”. E, um dos fatores são as atividades não agrícolas, relacionadas à prestação de serviços e a ênfase ao fato de que a transformação do produtor rural em produtor de serviços requer dele a incorporação de uma “visão sistêmica do seu negócio”.

Pode-se considerar esta estadia como o espaço com maior poder transformador da paisagem que se foi visitada. Os proprietários desse bar, tem grandes projetos e baseiam-se principalmente nas informações técnicas dos institutos e serviços de orientação sobre um modelo de turismo rural em ascensão. Cabe ressaltar que o sucesso individual de cada um dos atores, bem como o sucesso do destino, dependerá da eficiência na coordenação e na integração entre eles. (AARSTAD, GRONSETH e HAUGLAND, 2010).

O Turismo Rural deve contribuir para fortalecer os laços afetivos, a coesão social, a cooperação produtiva e a valorização dos elementos naturais e culturais. Dessa forma, é preciso verificar se há cooperação entre os atores sociais que atuam na região, como estão os níveis de organização, confiança e participação social.

Nesse sentido, segundo Scótoló & Neto (2015), o turismo pode contribuir para o desenvolvimento de lugares desde que planejado e executado a partir das expectativas e capacidades dos sujeitos que neles vivem.

Um pequeno bar rústico foi levantado conforme planejamento dos proprietários e em menos de um ano, referencia-se o local como um excelente projetor de turismo, visto que está

a poucos metros o ponto mais visitado da região, o Mirante. O bar serve comidas típicas e comidas variadas para ainda engrenar suas atividades comercial, mas manteve o estilo clássico da região. Madeiras, flores e ambiente decorado com fogão a lenha.

Um próximo passo é a construção de trilhas na mata próxima, atividades na pecuária como ordenha de vacas e também num projeto maior, a construção de chalés próximos a um belo lago ali existente.



**Figura 37:** Bar Via Country

## P14 - SITIO MACEDO

O Sítio Macedo, muito popular na região, é considerado o ponto atrativo quando relacionamos as festas e músicas na região. Anualmente, São Pedro conta com apenas um evento cadastrado na Secretaria de Cultura que é o Festival de Concertina que atrai um bom público da cidade para lá. Mas não só os amantes do instrumento vão ao festival, pois ele se mistura com um tipo de festa popular mais conhecida como “bailão” o que destoa um pouco do que outra vez conhecemos como uma produção artística cultural do local. A festa se confunde com bebidas e forró e a concertina vai ficando cada vez mais esquecida; já é muito raro encontrar pessoas jovens que estejam aprendendo o instrumento. O que mais interessa aqui é o desenvolvimento do olhar crítico, de estranhamento de ações cotidianas possibilitando a reconstrução e criação de espaços outros que implica numa desterritorialização desses espaços físicos para uma reconstrução de um novo sentido à cultura local.

Neste caso avaliamos essa “carona” na culturalidade da região como uma política que permite que empresas ligadas somente a produtividade tenha seus lucros em cima das esferas sociais do local, conforme explica Santos(2001). Esse é um fato em que a identidade territorial pode entrelaçar uma evolução mais reconstrutiva do local para que este aponte para o próprio dinamismo em comum no sentido de valorizar as belezas e cultura da região (Santos, 2001).

O sítio está disponível a receber visitantes e é um excelente local para um primeiro ponto de encontro para o desenvolvimento territorial da região, pois segundo Froehlich(2012), as festividades são os principais motivos das visitas ao território e constituem importante substrato simbólico para construção e afirmação dos sinais identitários.



**Figura 38:** Sítio Macedo (São Pedro Frio-ES)

Identificados os recursos turísticos, passa-se para a realização de uma análise daqueles que podem caracterizar a região como propícia ao desenvolvimento do Turismo Rural. Neste momento é importante lembrar que o motivo da viagem, a paisagem rural – composta pela natureza, a cultura, as atividades agropecuárias, os “fazeres” artesanais – e a ruralidade, já estão nas propriedades rurais.

Nesse conceito, segundo Krahl (2002), o empreendedor deverá aproveitar o que já é produzido e trabalhado em suas terras ou em sua região, uma vez que o turista deseja vivenciar o modo de vida do camponês. Por isso é essencial a manutenção contínua do que a

propriedade produz/ trabalha, bem como de suas características principais. Neste sentido, uma fazenda cujo principal fator econômico seja a produção do vinho e que passa a ter foco no turismo, não deve deixar de produzi-lo, pois este é, provavelmente, seu principal fator de atratividade e diferenciação no mercado.

### **4.3 O Terceiro Eixo: Ações Concretas para o Reforço da Identidade**

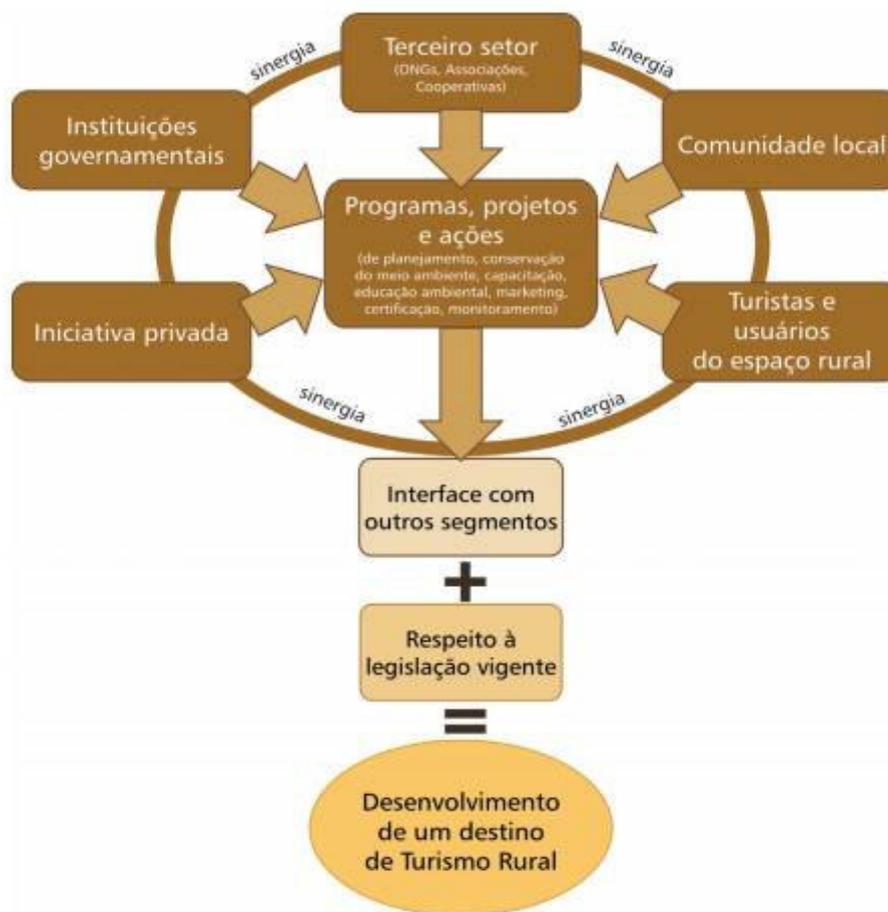
Parceria e cooperação são itens indispensáveis para o processo de desenvolvimento de um empreendimento, de uma comunidade ou de uma cadeia mais ampla e complexa. Além de ser uma estratégia, o desenvolvimento de parcerias é uma condição para a viabilidade do Turismo Rural. O Ministério do Turismo (2010), aponta a cooperação entre os diversos agentes que, além de facilitar a organização, a divulgação e a comercialização do negócio, aumenta o leque de atrativos ofertados e potencializa a chance de envolvimento e de participação do poder público, especialmente na melhoria da infraestrutura básica, no fomento e na promoção.

Os poderes públicos e os moradores da região, começaram um movimento em meados de 2011, com o apoio do Programa de assistência técnica e extensão rural (PROATER), para desenvolver e identificar o agroturismo na região. Muitos moradores aderiram ao movimento que teve um bom início com os próprios personagens sociais investindo em suas propriedades para receber os visitantes. Mas o programa juntamente com a Prefeitura municipal de Colatina não conseguiu cumprir os seus objetivos de levar uma infraestrutura adequada à região, conforme solicitado pelos moradores e o que se viu foram apenas promessas que ficaram no papel.

O plano teve o aval da comunidade, mas não contava com o estudo e o desenvolvimento de identidade territorial da região, o que fez com que cada indivíduo seguisse seu próprio caminho. Baumann(2005) relatou essa mesma experiência retratada por Froehlich(2012) no processo de construção da Quarta colônia no Rio Grande do Sul, onde o conceito de identidade pressupõe a ideia de alteridade e assim havendo um “eu” e um “outro” a possibilidade de conflito já está instalada.

A roteirização turística é uma das estratégias usadas no Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, que busca estruturar, ordenar, qualificar, ampliar e diversificar a oferta turística. É um processo voltado para a construção de parcerias em níveis municipal, regional, estadual, nacional e internacional. A ideia é integrar e fortalecer o compromisso entre os atores envolvidos, de modo a aumentar os negócios nas regiões, promover a inclusão social, resgatar e preservar valores culturais e ambientais. A roteirização turística tem por objeto construir circuitos de forma articulada e integrada.

Apesar de certa aleatoriedade nas iniciativas e atividades realizadas, a região continuou mostrando sinais de potencialidades ao turismo rural e em 2018, em uma união da Prefeitura de Colatina, Ifes (Instituto Federal do Espírito Santo) Campus Itapina, Aprucol (Associação dos Produtores Rurais de Colatina), Incaper (Instituto Capixaba de pesquisa e Extensão Rural), Idaf (Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal), Câmara Municipal, CAF (Cooperativa dos Agricultores Familiares), Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STR) e Patronal Rural (SPR) e Conselho Municipal de Meio Ambiente e Saneamento Ambiental (Commasa), decidiu-se retomar as construções de agroturismo na região com base na sinergia de todos os agentes envolvidos.



**Figura 39:** Inter-relações entre os diversos setores e o Desenvolvimento Territorial.  
 Fonte: Ministério do Turismo (2007)

Para Sampaio (2002), a criação de novas estratégias para garantir sua reprodução está a inserção de agricultores familiares em atividades de lazer e de turismo, a qual vem sendo considerada vantajosa por parte de políticos e alguns pesquisadores e incentivada pelo poder público e pela iniciativa privada.

#### 4.3.1 Os resultados cartográficos e o calendário turístico

Segundo Raisz (1974), a história dos mapas precede a própria história, pois os povos primitivos já realizavam representações em mapas rudimentares onde desenhavam o terreno conhecido. Os primeiros mapas surgiram a partir da necessidade de comunicação e do conhecimento sobre um determinado terreno.

Com os avanços tecnológicos do século XIX a cartografia se tornou um instrumento de bastante utilidade na descrição e planejamentos de territórios. Segundo Martinelli (2003), surgiram então as adoções de novas técnicas cartográficas além da cartografia topográfica como a cartografia temática. Com ela os mapas criaram novos temas incluindo vários pontos de simbologia local e todo o tema científico possível de ser identificado em um território.

Sampaio (2018), resume o termo cartografia temática para elucidarmos os levantamentos de informações da região:

A Cartografia Temática, além de uma divisão oficial da Cartografia Brasileira, é o campo da cartografia que aborda todas as etapas de produção do mapa, objetivando

apresentar ênfase no processo de comunicação, diferindo das outras áreas da cartografia que possuem foco na qualidade geométrica e/ou posicional dos dados geoespaciais. Busca estabelecer regras adequadas para comunicar algo a alguém, utilizando um sistema de sinais. Requer o conhecimento da informação e de suas características e, do perfil do usuário, de sua habilidade técnica para leitura do material e, de seu contexto social e histórico. É, portanto, o usuário final que por suas características define o tipo de material gráfico a ser produzido. (SAMPAIO, 2018)

Os mapas temáticos passaram a explorar mais os objetos, passando gradativamente do código topográfico para o código mais abstrato, no qual as categorias são mentalmente representadas e organizadas. A tomada de postura metodológica condiz com o raciocínio do autor do mapa diante da realidade apresentada, desembocando na realização do mesmo. (MARTINELLI, 2003a).

Pautado como um meio de pesquisa e de registro de comunicação visual dos resultados da pesquisa científica a construção de um mapa cartográfico temático visa através da linguagem de representação gráfica criar sinais ou símbolos para a comunicação entre os homens podendo sugerir ou possuir vários significados.

O conjunto das cartografias sociais é formado pelas experiências de mapeamento participativo (às vezes chamado de mapeamento comunitário), processo que se apresenta como resultado de um esforço coletivo que visa valorizar a percepção e o conhecimento de agentes locais nos processos de diagnóstico, ordenamento territorial, conservação de recursos naturais, resolução de conflitos socioambientais e planejamento (MONTEIRO, 2015). Partindo desse princípio, é necessário por em ícones, em mapas, em desenhos, ou prioritariamente em conhecimentos cartográficos para que todos estes símbolos possam dialogar entre si e produzirem a identificação cultural do local.

Os processos de produção cartográficos podem nos levar a redesenhar uma história local, no sentido iconográfico de resgate cultura e choque da realidade atual:

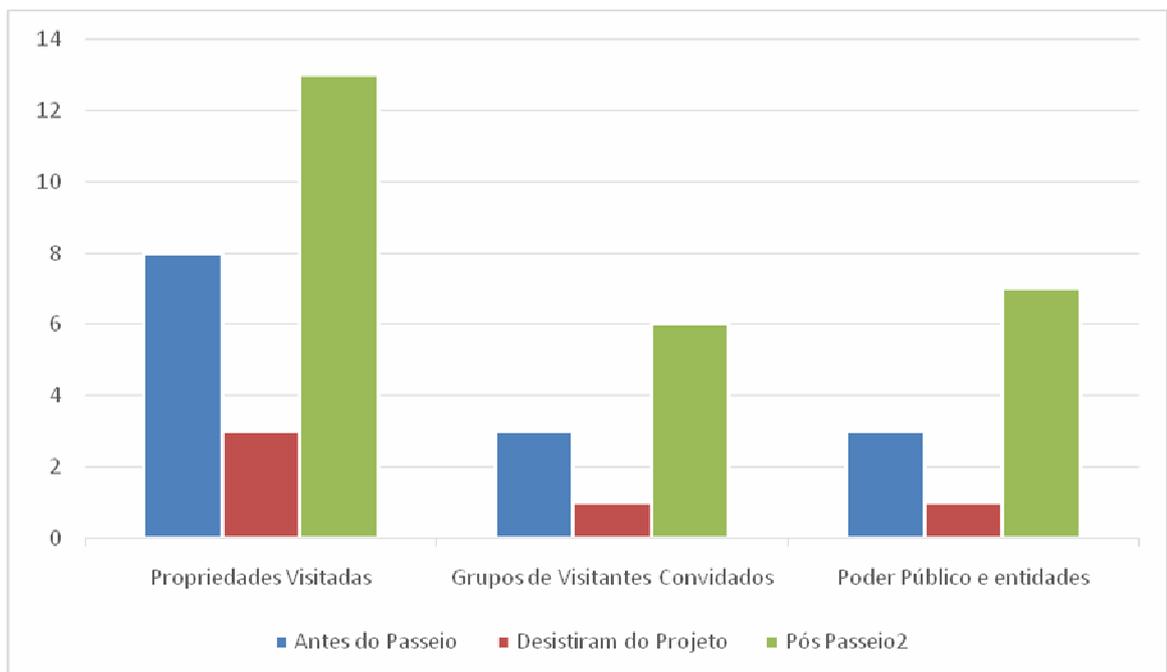
Convém notar que entre uma e outra definição situam-se as questões relativas ao processo de produção do conhecimento cartográfico - analisar, interpretar e comunicar são as atividades cognitivas omitidas quando os mapas são colocados em domínio público - aí tudo se passa como se os mapas fossem dispositivos de informação neutros, produzidos por algum sujeito epistêmico universal, cuja função se limitasse a espelhar em planos euclidianamente desenhados, a realidade de um mundo pré-determinado (MONTEIRO, 2015).

Em diversas reuniões iniciadas por membros da comunidade, Prefeitura, Ifes-Campus Itapina e Incaper, foram traçados caminhos para que a região começasse a despertar o interesse por suas belezas e qualidades já citadas. Dessas reuniões, surgiu o primeiro traço de uma cartografia em si: o Passeio Turístico de São Pedro Frio, que foi realizado em 09 de dezembro de 2018 e teve ampla participação dos grupos de pessoas convidadas a estar presentes no local.

O passeio teve como pontos principais o mapeamento e a visibilidade da bucólica região, passando por diversos pontos já explanados neste trabalho e o retorno foi bastante positivo. Desse passeio surgiram alguns interessados em abrir suas portas ao turismo rural e também alguns olhares de maior investimento do poder público ao local.



**Figura 40:** Panfleto Primeiro Passeio Turístico de São Pedro Frio.



**Gráfico 1–** Participação dos grupos na região de São Pedro Frio-ES  
Tabela: Nível de interesse dos interessados pós passeio turístico.

O Gráfico em si, registra na primeira coluna que oito propriedades aderiam a participar desse processo de remodelagem de turismo rural na região. No pós passeio, três dessas propriedades desistiram por questões comerciais por acharem não se enquadrar no sistema apresentado. Em compensação, surgiram outras oito interessadas e aderiram a este novo processo.

Relacionado ao Grupos de Passeio de visitantes, estes fazem referência ao Grupo de Ciclistas, o Grupo de Motociclistas, Grupo de Jeepeiros. No pós passeio, apenas o grupo de Motociclistas não se mostrou primeiramente interessado, enquanto surgiram novos grupos como o Grupo de Rapel, o Grupo Andarilhos, o Grupo Pastoral da Ecologia e o Grupo de Acampamento.

Para as questões governamentais, houve apenas um órgão que inicialmente caracterizou apoio, mas não demonstrou mais interesse em participar dos trabalhos, o IDAF que não compareceu as demais reuniões dos poderes públicos realizadas. Em compensação parceiros como SEBRAE, SENAR, Secretaria de Agricultura do Estado, INCAPER, Prefeitura Municipal e Ifes reafirmaram o apoio ao desenvolvimento do território.

A região apresenta-se hoje em desenvolvimento de um processo que pode modificar a sua participação na sociedade a partir de agora, como tendência de revalorização desse espaço explorando o mercado vinculado ao turismo rural. Com novos investimentos, com identidades associativas surgindo, com os artistas sociais se movimentando, com institutos e poderes públicos se mobilizando para o desenvolvimento São Pedro Frio pode se tornar um dos principais pontos de turismo e diversidade cultural não só da cidade de Colatina, mas de todo o Estado.

A paisagem, a cultura, o modo de vida das comunidades tradicionais, as festividades, os processos produtivos, a proximidade e a hospitalidade são os principais fatores de atratividade do Turismo Rural. Neste sentido, é preciso identificar, na região e no âmbito das propriedades rurais, os atrativos capazes de materializar as expectativas e os desejos dos turistas. (Ministério do Turismo, 2010). Deste modo, a criação de um calendário explorativo em cada segmento ou atividade turística auxilia no processo de desenvolvimento e ao mesmo tempo controla seu crescimento para seguir as práticas de turismo de desenvolvimento rural sustentável.

Assim, a cartografia aqui apresentada não se refere a territórios, mas a campos de forças e relações; diz mais respeito a movimentos do que propriamente a posições fixas; desdobra-se no tempo, mas também no espaço à medida que se apresenta como método de análise de dispositivos.

É Deleuze quem coloca a cartografia como método para desemaranhar as linhas de um dispositivo, tal qual se desfaz um novelo.

Desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de 'trabalho de terreno'. É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no, de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal. (DELEUZE, 2005, p.1)

Nesse sentido faz apresentar logo a seguir, uma cartografia temática para o desenvolvimento de uma proposta turística para São Pedro Frio, devidamente acoplada ao calendário de eventos.



**Figura 41:** Mapa de atividades seguindo a rota de acesso

**LEGENDA:**

- Área com potencial de desenvolvimento, os atores concordam com as ideias de implantação de turismo rural e já existe estrutura física montada para tal.
- Área com dificuldades de implantação: Os atores sociais tem espaços potenciais, mas ainda não estão inseridos no processo turístico. Dificuldade de comunicação e desenvolvimento.
- Área em implantação: Os atores sociais tem visão de turismo desenvolvida e estão em processo de adequações ao novo conceito. Estão totalmente inseridos, mas sem uma estrutura física ainda adequada.
- Área em conflito de ideias: É bem frequentada, tem o maior potencial turístico da região, mas os proprietários ainda não se manifestaram quanto à sua utilização com riscos de avaliarem o local apenas no quesito comercial de exploração.

Para completar as estratégias de desenvolvimento local e baseando-se em Castelli (2006), o calendário é definido como uma publicação produzida por instituições públicas e/ou privadas com a finalidade de somar dados ligados a eventos, tais como período de realização, localidade e especialidade, planejando uma organização para evitar os conflitos de eventos.

Ter um calendário de eventos atualizado com todos os dados necessários para as pessoas conseguirem se organizar com antecedência, é algo que traz tranquilidade e credibilidade, pois é possível alcançar um público bem maior através da correta e antecipada informação. O calendário segundo Denardin (2013), é um sistema de apuração e aglomeração de dias, o qual propende notar as necessidades civilizadas de uma cultura, ou seja, calendário de eventos é a afluência característica de eventos planejados.

Os principais objetivos do calendário de eventos segundo Britto e Fontes (2002): providenciar um panorama total das programações, com tantas atrações naturais da cidade, tais como as festas folclóricas, dos eventos tecnicamente produzidos, ou seja, as feiras agropecuárias; coordenar as ações de divulgação e publicidade precisas a conquista das realizações; escolher os acontecimentos que tenham interesse pela demanda turística e a população; demonstrar informações necessárias, tanto para o usuário bem como aqueles que desejam, por meio desses calendários, estender e desenvolver a sua atividade comercial; probabilidade de levantamentos estatísticos das diversas concretizações, através do local, mês, características técnicas e entre outros.

Já Martin (2007) destaca os principais objetivos com a elaboração do calendário de eventos, como: sua importância estratégica na diminuição da sazonalidade, através de um aumento do fluxo de visitantes ou público-alvo; ser um dos principais e competentes instrumentos de promoção e divulgação das programações de uma localidade; desenvolver e guiar as ações promocionais de publicidade e divulgação que serão precisas; juntar os acontecimentos de interesse para o público-alvo esperado; para um destino turístico, facilita a visualização dos alcances governamentais precisas para o recebimento dos eventos pelo município, como a concretização de obras públicas que atrapalhem ou evitem a execução do evento entre outros.

Deste modo, optou-se por realizar um calendário dividido em períodos iniciais para objetivar melhor e com cautela os eventos iniciais a fim de deixar os autores locais avaliarem e melhorarem caso necessário os acontecimentos em cada período. Este calendário visa apenas uma organização de ideias em determinados períodos para que constantemente se tenha apoio organizacional na região para recepção e movimentação de turistas.

**Tabela 2** – Calendário de Eventos anual

<b>DEZ</b>	<b>MAR</b>	<b>JUN</b>	<b>SET</b>
<b>JAN</b>	<b>ABR</b>	<b>JUL</b>	<b>OUT</b>
<b>FEV</b>	<b>MAI</b>	<b>AGO</b>	<b>NOV</b>
Acampamento e Banho Cachoeira	Acampamento de inverno	Passeio as Hospedagens	Feiras de alimentos
Passeio Turístico aos Bares	Festival de bebidas quentes	Festival de música de inverno	Festival das flores
Descida das cachoeiras e Rapel	Observação da natureza	Festival de Gastronomia	Caminhadas e trilhas na mata
Festival de Música de Verão	Formações Culturais	Passeios Ciclisticos e a Cavalos	Formações Culturais

Fonte: Própria

Com a criação do calendário escrito, também há a possibilidade de cartografá-lo tematicamente, dividindo-o em períodos e dentro destes períodos as atividades que melhor encaixam nos fatores climáticos levados em consideração:

- Período temperado que vai de setembro a novembro;

- Período frio de junho a agosto que inclusive é o período de maior visitação ao local segundo o Incaper (2013);
- Período quente que varia de dezembro a janeiro;
- Período ameno nos meses de março a maio.

Estas divisões levam por base os acontecimentos e eventos nos últimos anos e em relatos de moradores locais e atores sociais que exemplificaram as melhores atividades dentre os períodos registrados. Neste contexto, a figura abaixo elabora as melhores atividades fins em cada período com base nas observações e levantamento de dados da própria região.



**Figura 42:** Calendário de Eventos Cartografado por Período Climático

#### 4.3.2 Cronograma de trabalho na reconstrução local e dos grupos locais

Há ainda uma dificuldade em associar a sua identidade territorial, seu territorialismo e imprimir sua característica particular que a diferencia dos demais. Estas características estão implícitas no local, mas precisam de forma adequada se desenvolverem de forma conjunta, formando solidariedades orgânicas que se mutuam em suas atividades no sentido de rede do território que fortalecem todo o desenvolvimento local, conforme Froehlich(2012) descreve sobre o sentido de território da Quarta Colônia e que pode ser um modelo a ser aplicado no desenvolvimento de São Pedro Frio.

Tal constatação comprova uma realidade observada, na prática, por qualquer envolvido no segmento. A articulação, que já havia sido apontada como uma das “Diretrizes para o desenvolvimento do Turismo Rural”, remete à parceria, que, definida como “reunião de indivíduos para alcançar um objetivo comum” agrega a ideia de cooperação. Parceria e cooperação são itens indispensáveis para o processo de desenvolvimento de um empreendimento, de uma comunidade ou de uma cadeia mais ampla e complexa. Além de ser uma estratégia, o desenvolvimento de parcerias é uma condição para a viabilidade do Turismo Rural. (HOUAISS e VILLAR, 2004:),

O cronograma de trabalho então se subdivide em algumas funções e atividades que especialmente, despertem e reconheçam a importância e a dimensão do turismo como gerador de emprego e renda, conciliando o crescimento econômico com a preservação e a manutenção do patrimônio histórico, cultural e ambiental, tendo como fim a participação da comunidade e empresários nas decisões de seus próprios recursos.

Para identificar os processos de evolução foram utilizados o acompanhamento de fatores críticos de sucesso que segundo Price (1997, p.70) são aquelas áreas-chave nas quais tudo tem de dar certo para que o negócio prospere”. Originam-se do que é fundamental para a sobrevivência do projeto e podem ser entendidos como elementos determinantes para o melhor desempenho de uma organização que os identifica e consegue incorporá-los ao planejamento estratégico de evolução.

As condições sem as quais o alcance dos objetivos definidos e da visão proposta podem ficar comprometidos estão listados na tabela abaixo:

**Tabela 3 – Pontos essenciais para manutenção do Turismo Rural**

<b>Atividade</b>	<b>Observação</b>
<b>Articulação e integração entre as entidades representativas do setor turístico e o poder público.</b>	Criado um Comitê Gestor do Desenvolvimento de São Pedro Frio desde 11/03/2020.
<b>Arranjo e associativismo dos moradores e da cadeia produtiva do turismo nos cinco pontos principais.</b>	- Associação de Produtores (Agricultura e agroindústria) - Grupo Mulheres Floristas (Paisagismo) - Grupo Prosa e Sabores (Gastronomia). - Grupo no Clima da Cultura (Festividades)
<b>Preservação e valorização da cultura e identidade local.</b>	Será acompanhado pelo Comitê Gestor e entidades do setor público relacionadas.
<b>Preservação e valorização do meio ambiente</b>	Poder Público e Grupo Mulheres Floristas.
<b>Infraestrutura básica eficiente que garanta o atendimento das necessidades da comunidade e dos turistas.</b>	Poder Público e Associação de produtores
<b>Sensibilização da comunidade sobre a importância da atividade turística para o desenvolvimento do município</b>	Grupo No Clima da Cultura e Secretaria de Turismo e Cultura.
<b>Segurança pública eficiente que garanta a tranquilidade e integridade física do turista e qualidade de vida para os moradores.</b>	Poder público e Associação de Produtores.
<b>Vias, ruas e tráfego que garantam o acesso tranquilo do turista à localidade assim como o deslocamento do morador.</b>	Implantação da Pavimentação do trecho Colatina x São Pedro Frio, pela Secretaria de Agricultura do Estado do Espírito Santo a se iniciar em janeiro de 2021.
<b>Calendário de Eventos divulgado e devidamente cumprido.</b>	Poder Público, Iniciativa privada parceira e Grupos Associativos
<b>Manutenção do apoio de cooperação para capacitações e formações constantes aos grupos associativos.</b>	Instituições de Ensino e formação e poder público.
<b>Qualidade dos serviços prestados aos turistas</b>	Grupos Associativos
<b>Criação e Manutenção de um sistema de informação e comunicação constante.</b>	Grupos Associativos

Fonte: Próprio autor aportado em Price (1997).

Determinados e determinantes os principais pontos para a sustentação de um desenvolvimento local, estes fatores foram levantados em visitas à comunidade, reuniões locais, conversar com moradores e empreendedores da região, com iniciativas privadas e o poder público local.

#### **4.3.3 Criação das lideranças para dialogo entre os setores**

De acordo com Cazella (2003), há um ênfase que as “novas ruralidades” aproveitam e expandem novas funções e atividades no campo integrando e envolvendo as famílias rurais como o poder público e a iniciativa privada. É o que o autor denomina como a pluriatividade ou multifuncionalidade do campo e segundo ele, é o conjunto das contribuições da agricultura para um desenvolvimento econômico e social considerado na sua unidade. Dessa forma, a pluriatividade e a multifuncionalidade no campo são conceitos complementares.

Nesse contexto, iniciar a construção de um grupo capaz de organizar os anseios da comunidade com as pretensões e funções do poder público e instituições sejam públicas ou privadas, alinhando ao corporativismo das empresas privadas e grupos sociais, é altamente recomendável para se ter uma base sólida na desenvolvimento de um território onde todos os pontos-chaves de todos os atores envolvidos sejam representados.

A construção de um Comitê que tenha membros capazes de representar a região juntamente às iniciativas de progresso do turismo rural e desenvolvimento se torna forte e capaz de organizadamente atingir os resultados esperados.

Assim, com base nesses preceitos, o planejamento participativo do turismo rural na Comunidade de São Pedro Frio deverá integrar os setores públicos e privados relacionados direta e indiretamente com a atividade turística: representantes do poder público (Secretários de Turismo, Cultura, Membros de Instituições de Ensino e Desenvolvimento agrário), lideranças comunitárias e produtores rurais (membros da Associação de Produtores Rurais, Membros de Grupos de Desenvolvimento e Moradores), setor privado (Financiadores, Prestadores de Serviços em formação) e grupos sociais (Grupos que frequentam a região para realização de atividades turísticas e esportivas como Grupo de Bikes, Jeepeiros, guias locais, grupos de caminhada e gastronômicos), com vistas a mobilizar e integrar a cadeia produtiva local, diagnosticando os limites e as possibilidades de implantação do turismo rural.

#### **4.3.4 Criação dos grupos de desenvolvimento territorial**

Já identificadas algumas características de desenvolvimento territorial, há então a necessidade de consolidar grupos que estejam bem definidos dentro da comunidade para executarem suas ações com o apoio do Comitê de Lideranças para dialogar entre os poderes público e privado. Beni (2001) discorre sobre a necessidade de utilização responsável dos atrativos naturais e culturais e o respeito à comunidade receptora, sendo estes elementos chave para potencializar o turismo como fator de desenvolvimento local. Os autores compartilham a visão de que a comunidade deva ser a principal gestora de seu território, a fim de garantir a sustentabilidade do turismo.

Nesse sentido, a criação de ao menos um grupo territorial em cada seguimento apontado pelos autores como principais atrativos para o turismo rural e desenvolvimento territorial se torna indicado para que cada um nas suas particularidades possam administrar os papéis e atividades desenvolvidas ali.

A relação entre o turismo e a gastronomia eleva a busca do conhecimento sobre novas culturas, sabores e saberes, uma vez que os turistas buscam novas experiências apreciando diferentes pratos e bebidas. Assim, o turismo gastronômico é um segmento que articula a atividade turística com a oferta de serviços de alimentação, estabelecendo uma relação com a

identidade da cultura local e regional, ao compartilhar os hábitos e costumes de um povo, provocando o deslocamento motivado pelo interesse pela gastronomia típica de localidades (CÓRNER, 2006; BRASIL. MTUR. ORIENTAÇÕES BÁSICAS. TURISMO CULTURAL, 2010).

#### **4.3.5 O grupo prosa e sabores da gastronomia**

Durante o período da pesquisa em si, foi criado, a título de ensaio para um movimento maior de atuação na parte culinária na região, um grupo de gastronomia local chamado “Prosa e Sabor” com a participação de 3 mulheres que no caso foram propositalmente convidadas e disponibilizaram por elas próprias a incorporação de outras 14 moradoras da região. Importante registrar que o grupo se encontrou em um momento para discutir os principais objetivos do grupo e nortear algumas atividades para participarem ativamente do desenvolvimento da região.

As mulheres são moradoras locais que contam apenas com a renda familiar da propriedade ou do trabalho do próprio marido que cultivava a agricultura na região. A criação desse grupo especificamente de mulheres, não se remete a nenhum tipo de preconceito, mas ajuda a resgatar a autoestima das mulheres locais, colocando-as à frente de processos criadores e não somente como coadjuvantes nas construções de desenvolvimento local.

Conforme visto por Lunardi, Souza e Perurena (2015), o turismo rural estabeleceu um processo de mudança da identidade social e profissional do ser humano, pois a mulher passa a compor o mercado de trabalho sendo reconhecida como "empresária do turismo", reforçando sua identidade de agricultora, uma vez que o turismo rural tem como principal característica a relação direta com alguma atividade tradicionalmente exercida no campo. Dessa forma, o grupo implementado em São Pedro Frio é visto pelas mulheres que ali atuam como um impulsionador da inserção da mão de obra feminina no trabalho a ser desenvolvido.

À vista disso, realizou-se um ensaio gastronômico com produção de pratos a partir de produtos regionais com o Grupo de Mulheres da Comunidade de São Pedro Frio. O cardápio elaborado foi apresentado durante a Reunião Sabor e Prosa:

- Entrada - canapé de tapioca com geleia de manga, folha de ora-pro-nóbis e flor de jambo.
- Prato principal – peixe à prosa (filé de tilápia empanado e descansado em cheio verde).
- Acompanhamento - arroz com manjericão e castanha de caju.
- Sobremesa - salada de frutas tropicais com iogurte e granola.
- Bebida - vinho tinto e suco de uva.

A escolha das preparações teve o objetivo de despertar a atenção das participantes para o uso de ingredientes locais, sazonais e das Plantas Alimentícias não Convencionais (PANC) durante a prática culinária, contando com o apoio e supervisão da Nutricionista do Ifes Campus Santa Teresa Maria do Carmo Freitas Nascimento.



**Figura 43:** Cardápio do Encontro Prosa e Sabores.



**Figura 44:** Grupo Prosa e Sabores de São Pedro Frio.

#### **4.3.6 O grupo mulheres floristas - paisagismo**

Partindo para o contexto paisagístico, a natureza é a grande aliada do agricultor quando falamos no embelezamento de sua propriedade. A integração das intervenções humanas com o ambiente natural é capaz de criar ambientações mais acolhedoras, contribuindo para o aumento de satisfação e da qualidade do acolhimento turístico. Deve-se partir do princípio já manifestado anteriormente: “é a edificação que deve integrar-se ao ambiente e não o inverso”. (CARTILHA TURISMO RURAL NA AGRICULTURA FAMILIAR-SC, 2015).

Instalar ou dar destaque para plantas e flores que são típicas da região. Construir pequenos canteiros ou plantar nas margens de caminhos e estradas. Para que isso se configure

nada mais preciso do que utilizar os próprios atores deste meio em questão, o Grupo de Mulheres Floristas.

Esse Grupo começa a suas atividades locais para o incentivo à produção de flores e plantas para o paisagismo e pode auxiliar os demais moradores a decorarem os seus espaços. Geralmente, a maioria das propriedades que iniciam uma introdução no contexto de turismo tem muita carência de paisagismo em suas propriedades que eram voltadas totalmente para uma produção agrícola de plantio ou pecuária. Cruz (2002, p.109) afirma que a “paisagem é a primeira instância de contato do turista com o lugar visitado e por isso ela está no centro das atratividades dos lugares para o turismo”.

Para tanto, um grupo integrado com a natureza local pode auxiliar o desenvolvimento e organizar as criações paisagísticas, visto que não se trata simplesmente de plantar ou decorar algum lugar, é preciso que isto esteja inserido historicamente no local e a partir dela se tenha uma construção de uma paisagem típica e diferenciada da região.

Outro fator extremamente importante para um crescimento como um todo em local que busca territorialidade são as associações. O associativismo pode constituir-se numa importante ferramenta para a viabilização de novos empreendimentos turísticos, possibilitando aos agricultores familiares um caminho efetivo para participar do mercado turístico em melhores condições de competitividade. Os agricultores familiares, que apresentam dificuldades comuns para oferecer seus produtos e mostrar seus atrativos, podem identificar na formação de associações ou cooperativas, uma estratégia que lhes confere força, escala ou diferenciais que contribuam para a superação dos desafios que aparecerão pelo caminho.

Transformar a participação individual e familiar em participação grupal e comunitária se apresenta como uma alavanca, um mecanismo que acrescenta capacidade econômica a todos os associados, colocando-os em melhor situação para viabilizar suas atividades. Além disso, o intercâmbio e o uso de estruturas e serviços de apoio compartilhados permite a valorização do potencial individual. Esta estratégia aumento as chances de sucesso do grupo e de cada um dos empreendedores associados.

#### **4.3.7 Grupo no clima da cultura**

Outro pré-conceito para chegar à identidade cultural é a ideia de identidade, concepção discutida em diferentes campos das ciências humanas. Tratando-se de conceito presente de forma interdisciplinar, a noção de identidade gerou muitas noções diferentes: identidade nacional, identidade étnica, identidade social etc., criando uma gama de interpretações. “Entende-se por identidade a fonte de significados e experiências de um povo” (CASTELLS, 2001, p. 22).

Hall (2001, p. 139) afirma que identidade cultural é uma espécie de “sentimento de pertencimento”. Santos (2011, p. 144), em complemento, diz que “identidade cultural é em muitos sentidos a fonte de significados e experiência de um povo”. O autor, ao dialogar com Hall, Woodward e Silva e SANTOS, (2011), coloca: “A identidade cultural não é auto referencial como se pensava, ela é, pelo contrário, relacional. Nasce e se desenvolve na relação com o outro”.

Falar em identidade cultural então é compreender um tempo de mudança onde o moderno pode coabitar com o tradicional, a comunidade pode coabitar com a sociedade, não há uma anulação de uma modalidade antiga para a substituição de uma outra e, sim, uma realidade que permite que diferentes temporalidades ocupem o mesmo espaço e estas possam ser vivenciadas concomitantemente pelos agentes sociais (ROSA, 2007, p. 4).

Teoricamente avaliados, pode-se pensar que este grupo tem a missão característica de resgate às suas tradições e também compará-las as novas tradições além de pôr em prática a

vívida memória de uma história cultural de São Pedro Frio e que tende a desaparecer ou se substituir por falta de registros ou a perda dos atores principais da região.

Fato é que o Grupo no Clima da Cultura, ainda em formação pode movimentar as visitas ao local, pode aportar recursos externos e deve apoiar culturalmente aos demais grupos gastronômicos, associativos e paisagísticos. É aqui que a ideia de identidade cultural se completa e ganha forma, conforme nos explica Aranha (2006), a cultura é o conjunto de símbolos elaborados por um povo em determinado tempo e lugar, capacidade que inclui todas as formas de agir, pensar, desejar, exprimir sentimentos.

Este grupo também tem o importante papel de desenvolver socialmente a região, trazendo-a até a visibilidade social. E nada melhor do que promover a criação de uma rede social para agrupar e informar todos os acontecimentos e notícias relacionadas ao local que se pretende tornar visível.

As redes sociais configuram-se a partir do interesse entre dois ou mais agentes sociais territorialmente localizados em estabelecer um tipo de relação. É imprescindível que haja um objetivo comum. Nesse sentido, as redes sociais são imateriais, logo, os fluxos resultantes das interações e relações sociais entre os diferentes agentes sociais são de natureza diversa, constituídos por informações, conhecimentos, valores, interesses e esforços em busca de objetivos comuns. (DEGENNE; FORSE, 1999).

Os princípios e modos de funcionamento das redes trabalham para que os diversos atores espalhados em um território possam na medida de suas necessidades e desejos, desenvolver projetos ou ações de cooperação em rede, de forma descentralizada e autônoma (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2007).

Conforme explica Santos (2006, p. 38), os objetos fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados recriam as condições ambientais e as condições sociais, e os redefinem. Portanto, os fluxos são resultado direto ou indireto das ações, vezes atravessam, vezes se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, e simultaneamente também se modificam.

Na mesma linha, Etges (2001, p. 7) complementa que “o território tem que ser visto como algo que está em processo, uma forma-conteúdo, o traço de união entre o passado e o futuro imediato. Ser visto é de fato uma ferramenta necessária. Como será visto é o que o próprio grupo da região precisa construir. Os passos para essa criação são simples, porém significativo a resposta de três perguntas: O que querem mostrar, para quem querem mostrar, e quando querem mostrar. O conteúdo é produzido pelos próprios agentes do local.

De certa forma, a criação de um site ou uma rede social preconiza a movimentação do local em boa velocidade, o que daria mais conforto a quem busca o local por ter as perguntas básicas de uma visita de turismo já respondidas pela própria rede e por se sentirem convidados a estarem presentes naqueles locais.

No âmbito do turismo, o trabalho em rede constitui um potente recurso, capaz de gerar resultados positivos em resposta aos esforços empreendidos pelos diversos protagonistas envolvidos nas etapas do processo de planejamento e gestão da atividade. A relação das redes e o turismo pode se dar na esfera da oferta, poder público, iniciativa privada e toda a infraestrutura turística e; na da demanda, dos turistas. (FLECHA et al., 2012; KNUPP; MAFRA, 2012).

Todos estes grupos apoiados no desenvolvimento local juntamente com a Associação de Produtores Rurais, demais setores associativos regidos por um Comitê de Liderança tem todas as ferramentas necessárias para progredirem como grupo, como cultura e como identidade de um território.

#### 4.4 Implantação de um Ponto de Apoio para Expansão de Pesquisa, Extensão e Desenvolvimento do Território

Apesar de seu protagonismo, as comunidades nem sempre estão preparadas para a atividade turística, o que exige um exercício de envolvimento e sensibilização. Em muitos casos, é necessário o trabalho de identificação e resgate de sua identidade, de suas tradições e formas de expressão para coletivamente ser construído o produto turístico, o que e como deve ser mostrado. (Ministério do Turismo, 2010).

Um trabalho contínuo de sensibilização poderá resultar na descoberta de informações sobre a história local, na elevação da autoestima da população, na geração de atitudes positivas entre comunidade e turista, na melhoria do processo de interpretação, no desenvolvimento do respeito mútuo e na compreensão do turismo rural como forma de melhoria do ambiente rural.

O primeiro processo é a solicitação de aprovação do Conselho Gestor do Ifes – Campus Itapina para aprovação da criação de um Núcleo de Agroturismo dentro da Diretoria de Pesquisa e Extensão do Campus. Esse importante passo serve como base para a região buscar orientações e conhecimento dentro de um setor especialista em atividades turísticas no meio rural a fim de minimizar as dificuldades encontradas no processo de territorialização cultural.

Segundo Peixoto (2008) assistência técnica e a extensão rural assumem importância fundamental no processo de comunicação de novas tecnologias, geradas pela pesquisa, e por conhecimentos empíricos essenciais ao desenvolvimento rural, tanto no sentido amplo como de atividades específicas.

E Callou (2006) as atividades atribuídas à Extensão Rural contribuem significativamente ao desenvolvimento rural sustentável, a gestão da comunicação, as novas ruralidades, a educação comunicação<sup>11</sup>, a agro ecologia, a economia solidária e, mais recentemente, a incubadora de cooperativas populares. É fundamental a extensão do conhecimento baseando-se no aporte de uma instituição ligada ao meio rural.

Incisivamente e posterior à implantação deste núcleo, é efetivamente capaz que o conhecimento de fato se transporte para dentro do território, ou seja, dentro da comunidade. A iniciativa de se criar o aporte dentro do próprio território pesquisado e não desfaz a extensão, muito pelo contrário, enfatiza todo o processo sem as linhas da distância.

Um exemplo clássico de um modelo de sucesso é no Rio Grande do Sul, onde a extensão rural é contemplada em muitas universidades tanto em nível de graduação, como de pós-graduação. Além das Universidades, as empresas de caráter específico como a Emater/RS<sup>12</sup>, têm agregado em seus escritórios técnicos, profissionais de diversas áreas dentro das localidades envolvidas. (Siliprandi, 2002; Navarro, 1999).

Com relação à área da extensão rural voltada ao turismo no Rio Grande do Sul, a Emater trabalha há vários anos com turismo rural, porém a área consolidou-se institucionalmente somente a partir de 2004. Desde então, é dado incentivo, apoio e assessoramento aos agricultores familiares no desenvolvimento de atividades de criação e qualificação de empreendimentos, rotas roteiros de turismo em todo o Estado. A Emater participa do Fórum Estadual de Turismo e do Grupo Gestor de turismo rural do RS.

Desde 2010, a instituição conta, no seu quadro funcional permanente, com um profissional turismólogo que coordena a atividade em nível estadual. Conforme as

---

<sup>11</sup> A Educomunicação define-se como um conjunto das ações destinadas a: integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação; criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos; melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas.

<sup>12</sup> Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul com eixos voltados ao turismo rural Gaúcho.

informações da própria Emater (2012) a perspectiva em relação ao turismo é de que essa atividade possa gerar renda complementar as famílias rurais e que possa servir como alternativa para a comercialização e valorização dos produtos da agricultura familiar. Devido a interdisciplinaridade do turismo, a Emater procura trabalhar o turismo aliado as ações de resgate da cultura local, gastronomia, gestão ambiental, agroindústria e artesanato, gênero, juventude, principalmente.

Exemplos e atitudes que podem ser seguidas pela instituição de ensino voltada a área agrícola com profissionais especializados que podem oferecer o conhecimento técnico de forma acessível à São Pedro Frio através de:

- a) Desenvolvimento de atividades pedagógicas para grupos de estudantes durante a semana nos períodos letivos, colônia de férias etc.
- b) Realização de atividades culturais para públicos específicos, como o da melhor idade, o infantil ou o de pessoas com deficiência e público geral.
- c) Promoção de formação técnica na área rural para os proprietários e seus trabalhadores.
- e) Estabelecimento de parcerias com o setor público-privado, propiciando novos fluxos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento territorial de uma localidade faz parte de uma série de estratégias e reconhecimentos tanto no meio físico quanto no meio social e principalmente na subjetividade de suas histórias, seus costumes e crenças juntamente com o desenvolvimento comercial e técnico de todo esse processo para que se coloque em prática as aptidões dos atores locais.

Através da análise dos discursos do sujeito coletivo gerados durante a pesquisa, identificou-se ideias e opiniões que refletiram o modo de interpretar a realidade na qual estão inseridas as potencialidades, as dificuldades, as perspectivas e as mudanças da localidade para o desenvolvimento de seu território através do Turismo Rural.

A região de São Pedro Frio apresenta excelente potencialidade quanto as questões ambientais relacionadas ao clima e meio ambiente, a temperatura média verificada na maior parte do ano se mantém muito abaixo da média da cidade onde está inserida o que se torna naturalmente o grande atrativo para visitação e pernoite na região. Necessita maior desenvolvimento nas questões paisagísticas principalmente voltadas   estrutura física,   arquitetura e ao embelezamento do lugar em si para maior atratividade. Essas estruturas podem e devem facilmente ser atingidas dada a execu o dos grupos de transforma o paisagística aqui citados.

Ainda carece de maior amplitude nas questões sociais, deixar evoluir mais sua parte histórica, imprimir maior resgate tanto histórico quanto técnico nos quesitos gastron micos a fim de trazer a memória dos que ali atuam como personagens transformadores e continuamente aos visitantes e turistas que ali v o buscar estas informa es a fim de fortalecer sua identidade. Todas estas questões v o aos poucos sendo emergidas com a jun o estratégica de um desenvolvimento pautado nas suas próprias conquistas.

O estudo e pesquisa realizados para a constru o de mapas temáticos sobre a região, além de dar maior visibilidade a terra em si com métodos cartográficos pautados em ícones e gráficos facilmente reconhecidos de um modo geral permitiu clarear de certa forma cada espaço envolvido e escondido entre a objetividade e a subjetividade, além de apoiar iniciativas dos próprios atores em rela o ao seu território e desenvolvimento do turismo.

Os atores buscaram se reerguer   medida que foram obtendo informa es preciosas de um conjunto de solu es que começa l  no início do mapa cartográfico com o ponto de partida e vem se desmembrando até o seu próprio território. Isso d  maior força nas constru es de laços locais ampliando a capacidade de crescimento como território.

Necessário destacar que, o apoio sem a promessa de nenhum tipo de investimento ou recurso público se tornou mais eficaz na conquista e na maior forma o da identidade de reconstru o do seu próprio território do que as inúmeras tentativas de desenvolvimento pautadas somente em a es públicas que podem vir a não coincidir com os anseios de quem vive o território.

A releitura e a análise de cada ponto potencial e que assim foram divididos facilitou a busca por maiores investimentos e melhor forma de organizar as lideranças locais. Não necessariamente são apenas estes os pontos potenciais, mas o processo em si da demarca o destes abre caminho para apoio e cria o de mais pontos e propriedades que desenvolvam a história de São Pedro Frio nas mais variadas e diferentes formas por já visualizarem o que cada um pretende oferecer ao turista que por ali passará.

As propostas apresentadas para a cria o de grupos locais de desenvolvimento, apoiados na cria o do calendário de eventos e apoio técnico das entidades público-privadas da região elucidaram e deram maior dinamismo nas constru es territoriais e simbologias locais de identidade. A divisão de tarefas assim dita, para cada grupo, retira todo o peso de

desenvolvimento da região de apenas um ou poucos agentes e transfere as características de cada um na maior potencialidade. Esse formato além de trazer dinamismo inclui como principais atores de desenvolvimento territorial não só líderes ou influentes, mas sim a maior parte dos que ali atuam.

A inversão do trabalho técnico de território se dá quando temos mais agentes transformadores envolvidos em suas habilidades e anseios futuros do que formadores de opinião ou poderes públicos ou privados além de entidades gerais demandando objetivos específicos. Esse fato foi reconhecido por transformar a minha própria terra do meio próprio anseio com o apoio das referidas instituições. Essa inversão atingiu maior objetivo coletivo do grupo.

Tanto o turismo rural quanto o agroturismo são excelentes investimentos para a região. Eles demandam a atração requerida dos turistas da região que procuram pelas potencialidades ali existentes. De fato, ainda é um processo longo que começa a se transformar, mas todas as atividades relacionadas ao turismo ali desenvolvidas são os maiores protagonistas da movimentação tanto social quanto comercial no período pesquisado.

Enfim, o estudo em síntese, permitiu a retomada do resgate da confiança local e a exposição de potencialidades que além de gerar a atração do olhar e da atenção não só dos próprios atores locais, mas também de poderes públicos, privados, instituições e entidades que de fato foram devidamente reconhecidas em São Pedro Frio, que se encontrava estagnada no modelo básico de produção agrícola, de se assumir como protagonistas de uma região rica em recursos locais e sociais para a expansão do turismo rural e cravar em suas terras sua legítima identidade.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARSTAD, J et al. Development of tourism destinations: An Integrated Multilevel Perspective, *Annals of Tourism Research*, Volume 38, Issue 1, January 2011, Pages 268-290. Acesso em mar 2020.

ARANHA, M. L. A. *Filosofia da educação*. 3.ed., São Paulo: Moderna, 2006.

BAUMAN, Zigmunt. *IDENTIDADE: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENI, M. (2001). *Análise estrutural do turismo*. São Paulo, Senac.

BORGES, V. P. *O que é História*. 2ª Ed. Revisada. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. *Plano Nacional de Turismo 2007/2010. Uma viagem de inclusão*. Brasília: MTur, 2010.

BRITTO; J., Fontes; N. (2002). *Estratégias para eventos: uma ótica do marketing e do turismo*. - São Paulo: Aleph.

BUARQUE, S. C. *Construindo o desenvolvimento local sustentável: metodologia de planejamento*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. 177 p. (Terra mater).

CALLOU, A. B. F. *Extensão rural e desenvolvimento local: significados contemporâneos*. *UNIrevista*, v. 1, n 3, 2006.

CAMPANHOLA, C.; GRAZIANO da SILVA, J. *Panorama do turismo no espaço rural brasileiro: nova oportunidade para o pequeno agricultor*. In: *Anais. Congresso Brasileiro de Turismo Rural*, 1999.

CAMARGO, L.O.L. (2019). *Hospitalidade, turismo e lazer*. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo 13 ( 3 ), p. 1 15 set dez . DOI:<http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v13i3.1749>

CARVALHO, C.P. *Prefácio*. In: MEIRELLES, G.F.; BARROS, M.E.A. *O negócio é o seguinte: hábitos e costumes dos povos e sua influência na vida empresarial*. São Paulo: Ibradep, 2005, p. 5.

CARNIELLI, Leandro. *Agroturismo: os primeiros passos de uma comunidade rural da montanha capixaba*. Família Carnielli, rod. Pedro Cola Km 4,5, Venda Nova do Imigrante, s.n; s.d. 2004.

CASTELLI, G. (2006). *Gestão Hoteleira*. – São Paulo: Saraiva

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2).

CAZELLA, A.A. – Multifuncionalidade agrícola: retórica ou triunfo p/ o desenvolvimento rural in: CASTILHO, M L. & RAMOS, J. M. (orgs) Agronegócios e Desenvolvimento Sustentável. Francisco Beltrão. 2003

CERETTA, C. C., & Santos, N. R. Z. D. (2013). O Papel da Extensão Rural e a Abordagem do Turismo Junto a Pequenas Propriedades Rurais. Revista Extensão Rural, DEAER – CCR – UFSM, vol.20, nº 2, mai - ago de 2013.

COMERFORD, John. C. Como uma Família: Sociabilidade, Territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2000.

CÓRNER, D. M. R. - A Gastronomia como atrativo no Turismo Cultural. VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Universidade de Caxias do Sul, 2006.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

CRUZ, R. As paisagens artificiais criadas pelo turismo. IN: YÁGI, E (Org.). Turismo e paisagem. São Paulo: Contexto, 2002.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? (2005). Disponível em:. Acesso em 21 abril de 2020.

DEGENNE, A., FORSÉ, M. - Les réseaux sociaux; une analyse structurale en sociologie. Paris, Armand Colin, 1994.

DENARDIN, V. C. C. (2013). Turismo na Sociedade Midiatizada: o Calendário de Eventos como Ferramenta de Divulgação e Informação de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

DUARTE, T. S. – A identidade territorial como estratégia de planejamento do Turismo Rural: Interfaces entre os Vales dos Vinhedos e o Alto Douro Vinhateiro. Tese de Doutorado, USP, 2016.

DURY, G. H. High temperature extremes in Austrália. Annals of the Association of American Geographers. 62 (3), 388-400. 1972.

EMATER. Rio Grande do Sul/ASCAR. Marco referencial para as ações sociais da EMATER/RS-ASCAR. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2002. 48 p. (EMATER/RS. Programa de Formação Técnico-Social da EMATER/RS. Sustentabilidade e Cidadania. Textos, 7) 2012.

EMBRATUR – Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo. Coordenação de Sílvio Magalhães. Brasília, EMBRATUR, 1994.

EMBRAPA UVA & VINHO. Sistema de Produção 4. Versão eletrônica, 2003.

ELESBÃO, Ivo. O espaço rural brasileiro em transforma-lo. In - Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia. Vol. XLII - nº87 - p.47-65, 2007. Acesso em: 09 mar. 2020.

ETGES, Virginia E. A região no contexto da globalização: o caso do Vale do Rio Pardo. In: VOGT, Olgário e SILVEIRA, Rogério. Vale do Rio Pardo: (re)conhecendo a região. Santa Cruz do Sul: Edunisc. 2001.

FARIAS, K. S. da S. (2014). Principais políticas de fomento do turismo na Amazônia: análise dos primeiros planos de turismo da Amazônia (PTA I e II) e do PROECOTUR. Revista de Turismo Contemporâneo, 2, 183-205.

FROEHLICH, José Marcos (org.). Desenvolvimento territorial: produção, identidade e consumo. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012b.

FONSECA, T. M. G. & KIRST, P.G. Cartografia e devires: a construção do presente. Porto alegre: UFRGS, 2003.

FERNANDES, A.F. O turismo no espaço rural: o caso do agroturismo Caminho Caipira, município de Borborema – SP. 2016. 118fls. Dissertação ( Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento) – Unesp, Universidade Estadual Paulista. Tupã, 2016.

FILHO, K. P. & TETI, M. M. - A Cartografia Como Método Para As Ciências Humanas e Sociais. UFRRJ, 2013.

FLECHA, A. C.; SILVA, G. P.; BERNARDES, A. T.; PINHEIRO, C. F. S.; MACHADO, R. F. Redes complexas: interações dos atores do setor de turismo na cidade de Ouro Preto.. Caxias do Sul: Educs, 2010. p. 1-15.

FREITAS, P. & REIS, S. S. (2015). Mercado de Trabalho e Questões de Gênero: Avanços e Perspectivas. XII Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea, Universidade de Santa Cruz do Sul.

GATTO, A.; Paiva. A.N; Gonçalves, W. Implantação de Jardins e áreas verdes. Viçosa MG: Aprenda Fácil Editora, 2002 (a).

GELBCKE, F. - Planejamento estratégico participativo: um espaço para a conquista da cidadania profissional. Revista Texto & Contexto-Enfermagem, 2006.

GORAYEB, Adryane. Cartografia Social e Populações Vulneráveis - Oficina do Eixo Erradicação da Miséria. Universidade Federal do Ceará (UFC). Fevereiro, 2014.

GRAZIANO DA SILVA, José et al. Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. In: ALMEIDA, J.A. et al (Org.). Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável. Santa Maria: Centro Gráfico, 1998:14.

GRAZIANO DA SILVA, J.; DEL GROSSI, M. E. O Novo Rural Brasileiro. In: IAPAR. (Org.). Ocupações Rurais Não-Agrícolas: anais: oficina de atualização temática. Londrina: IAPAR, 2000, v. I, p. 165-173.

GUZATTI, Thaise C. O agroturismo como instrumento de desenvolvimento rural; sistematização e análises das estratégias utilizadas para a implantação de um programa de

agroturismo nas encostas da serrageral catarinense. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

HAESBAERT, R. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, M.; BECKER, B. K. (Orgs.). Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 43-71.

HALL, S. Da Diáspora: Identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2011.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2004.

INCAPER. Programa de assistência técnica e extensão rural PROATER(2011 – 2013).

KASTENHOLZ, E. Contributos para o marketing de destinos rurais – O caso do Norte de Portugal. *Revista de Turismo e Desenvolvimento*, 3, pp. 21-33, 2005.

KNUPP, M. E. C. G.; MAFRA, F. L. N. Redes do Turismo: uma análise da política de turismo do Estado de Minas Gerais – Brasil. *Turismo em análise*, v. 23, n. 3, p. 663-690, dez. 2012.

LEENHARDT, J. Nos Jardins De Burler Marx. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A., 2006. -Lima, G. F. C. Consciência ecológica: emergência, obstáculos e desafios. *Rev. Eletrônica "Política e trabalho"*. Setembro, 1998. pp139-154.

LIMA, Janice Shirley Souza. 2001. O Museu do nosso tempo. *Revista Traços*, Centro de Ciências Exatas e Tecnologia da Unama, 4(8).

LOTTICI KRAHL, Mara Flora. O Turismo Rural e a Ressignificação da Paisagem. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2002.

LUNARDI, R.; SOUZA, M.; PERURENA, F. O Trabalho de Homens e Mulheres no Turismo Rural em São José dos Ausentes: o "leve" e o "pesado". *Revista Turismo - Visão e Ação*, vol. 17, n. 1, p. 179-209, jun. 2015.

MAACK, R Geografia física do Estado do Paraná. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed., 1981, 442 p.

MANFIO, Vanessa. A quarta Colônia de Imigração Italiana: Uma paisagem cultural na região central do Rio Grande do Sul. *Geografia Ensino e Pesquisa*, v.16, n 2, 2012. RS.

MARAFON, Gláucio José. Agricultura Familiar, Pluriatividade e Turismo Rural: reflexões a partir do território fluminense. *Campo-Território: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia*, n.1, v. 1, p. 17-60. Fev.2006.

MARTINELLI, M. – Mapas da Geografia e Cartografias Temáticas. São Paulo: Contexto 2003. 112p.

MARTIN, V. (2007). Manual prático de eventos. São Paulo: Atlas.

MASSEY, D. - Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORAES, Ênio G. de.; CURADO, Fernando Fleury. Os limites do associativismo na agricultura familiar de assentamentos rurais em Corumbá, MS. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1, Corumbá, 2004..

MONTEIRO, R. C. – Mapeamentos participativos: Ensaio crítico na perspectiva da percepção/cognição do ambiente. ANPPAS, 2015.

NAVARRO, Z. – Manejo de recursos naturais e Desenvolvimento Rural: um estudo comparativo em quatro estados brasileiros. Porto Alegre, 1999.

NARDI, Oni. O meio rural da Quarta Colônia de Imigração Italiana como tema e cenário turístico. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2007.

NIEDERLE, Paulo André. Compromissos para a qualidade: projetos de indicação geográfica para vinhos no Brasil e na França. Tese de Doutorado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / RJ, 2011.

OMETTO, J. C. Bioclimatologia vegetal. São Paulo: Ed. Agronômica Ceres. 1981. 129-132 p.

PANOSSO Netto, A. & Trigo, L. G. G (2009). Cenários do turismo brasileiro. São Paulo: Aleph.

PAIVA, M. P. de V. - Perda Da Identidade Cultural E Massificação Dos Hábitos E Costumes Provocadas Pela Globalização. Universidade de Taubaté/Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, 2014.

PEIXOTO, M. Extensão Rural no Brasil- uma abordagem histórica da legislação. Brasília: Senado Federal, 2008 (Texto para discussão 48).

PLOEG, Jan Douwe van der. Sete teses sobre a agricultura camponesa. Revistas Agriculturas: Experiências em Agroecologia, 2009.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Turismo e desenvolvimento socio espacial: reflexões sobre a experiência do Agroturismo no estado do Espírito Santo. 1998. 169 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

PRICE, Art. O que os livros de benchmarking não dizem. HSM Management, São Paulo, v. 1, n.3, p.56, jul./ago.1997

RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo. Ática, 1993.

RAISZ, Erwin J. Cartografia General. 5ª ed. Barcelona: Ediciones Omega, 1974, 436p.

ROCA, Z. Affirmation of Regional Identity between Rhetoric and Reality: Evidence from Portugal, in E. Boneschansker et al. (eds.), *Cultural Uniqueness and Regional Economy*. Leeuwarden, Ljouwert: Fryske Akademy. (2004).

ROQUE, A. Turismo rural brasileiro: região sudeste. São Paulo: Editora Turismo de Campo, 2004.

ROQUE, A. M; VIVIAN, M. (1999). O Turismo no Espaço Rural: uma estratégia para a nova gestão rural. *Revista Organizações Rurais e Agroindustriais*. Universidade Federal de Lavras, 1(1), 6-64.

ROSA, C. A. - Como elaborar um plano de negócio. 01 Ed. Brasília: SEBRAE, 2007.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. Turismo de Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente. 10 ed. São Paulo: Pantirus, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: \_\_\_\_\_. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.

SAMPAIO, C. P. da S. Agricultura familiar: bloqueios precariedades. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 40., 2002, Passo Fundo. Anais... Passo Fundo, RS: Sober, 2002.

SAMPAIO, Tony Vinicius Moreira. Cartografia temática [Recurso eletrônico] / Tony Vinicius Moreira Sampaio – Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR, 2018. 248p.

SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SAQUET, Marcos. Os tempos e os territórios da colonização italiana. O desenvolvimento da colônia Silveira Martins. Porto Alegre: EST Edições, 2003/2001.

SAQUET, Marcos A. Abordagens e concepções de território. 4. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. Brasil. Território e Sociedade no início do século 21. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. SP: Edusp, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A globalização e as ciências sociais. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, C. N. Santos e THOMAZ, R. C. C. - O espaço como campo de possibilidade para a inclusão do turismo nos assentamentos rurais. *Revista CULTUR*, ano 09 - nº 01 – Fev/2015.

SCARABELOT, M.; SCHNEIDER, S. - As cadeias agroalimentares curtas e desenvolvimento local – um estudo de caso no município de Nova Veneza/SC. *Revista Faz Ciência*, n.20, v.15, p.101–130. 2012.

SCÓTOLO, D.; PANOSSO NETTO, A. Contribuições do Turismo para o Desenvolvimento Local. *Cultur: Revista de Cultura e Turismo*, v. 9, p. 36-59, 2015.

SGARBI, G. N. C. - Itália em fragmentos: aspectos turísticos, culturais e vulcanológicos. *Turismo - Visão e Ação - vol. 9 - n.1 p. 123-146 jan. /abr. 2007.*

SHARPLEY, R. (2004). *Tourism and the countryside*. 347-386. In: Lew, A; Hall, M. C. & Willians, M. (ed.) (2004). *A companion to tourism*. UK: Blackwell Publishing.

SILIPRANDI, E. Desafios para a extensão rural: o "social" na transição agroecológica. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*. Porto Alegre, v.3, n.3, Jul/Set 2002.

SILVA, M. C. *A agricultura portuguesa, o Estado e a PAC Européia*. Lisboa: Sociedade e Cultura 1. Caderno do Nordeste, 2000.

SILVA, C. *Lazer e Educação Física: textos didáticos para a formação de profissionais do lazer*. Campinas: Papirus, 2012.

SOLHA, KARINA TOLEDO. *A trajetória do turismo rural em São Paulo: um segmento turístico em desenvolvimento*, São Paulo. Livre-docência - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo, 2016.

SOUZA, M. J. L. (1995). *O Território: sobre espaço de poder, autonomia e desenvolvimento*. In: CASTRO. I. E. de et al. (orgs.) *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. *Espaço Geográfico uno e múltiplo*. Scripta Nova. n. 93, 15 de julho de 2001.

SAWAIA, B. B. (Org.). (1999). *As artimanhas da exclusão: uma análise ético-psicossocial da desigualdade*. Petrópolis, RJ: Vozes.

TANDON. R. *Participatory Research in the Empowerment of People*. *Convergence*, v. 14, n. 3, p. 20-27, 1981.

TEDESCO, J. C. *O futuro do passado: etnicidade, comércio e vida rural: tradições culturais em rotas turísticas*. Editora letra e vida. Porto Alegre 2013, 144 p.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo*. In: \_\_\_\_\_. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.

VEIGA, J. E. (2001). *O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento*. *Estudos Avançados*, 15(43), 101-119.